



Arthur Lima de Oliveira

**“Seu sodomita! - Expressões bíblicas utilizadas
como ofensa por evangélicos e sua relevância
para a área de PL2E”**

Dissertação de Mestrado

Dissertação apresentada como requisito parcial para
obtenção do grau de Mestre em Letras/Estudos da
Linguagem pelo Programa de Pós-graduação em Estudos
da Linguagem do Departamento de Letras da PUC-Rio

Orientador: Prof^a. Rosa Marina de Brito Meyer

Rio de Janeiro,
abril de 2021



Arthur Lima de Oliveira

**“Seu sodomita! - Expressões bíblicas utilizadas
como ofensa por evangélicos e sua relevância
para a área de PL2E”**

Dissertação apresentada como requisito parcial para
obtenção do grau de Mestre pelo Programa de Pós-
graduação em Estudos da Linguagem da PUC-Rio. Aprovada
pela Comissão Examinadora abaixo:

Profª. Rosa Marina de Brito Meyer
Orientadora
Departamento de Letras – PUC-Rio

Profª. Adriana Albuquerque
Departamento de Letras – PUC-Rio

Prof. Flávio de Aguiar Barbosa
UERJ

Prof. Ricardo Borges Alencar
Departamento de Letras – PUC-Rio

Rio de Janeiro, 19 de abril de 2021

Todos os direitos reservados. A reprodução, total ou parcial do trabalho, é proibida sem a autorização da universidade, do autor e do orientador.

Arthur Lima de Oliveira

Licenciado em Letras: Português/Literaturas, pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (2019). Possui especialização em Docência em Educação Básica (IFMG) e em Docência do Ensino Superior/Tutoria em EAD (UCAM). Atua como tutor a distância do curso de Letras da UFF, pelo CEDERJ, e como docente de Linguagens em instituições privadas de ensino fundamental e médio.

Ficha catalográfica

Oliveira, Arthur Lima de

“Seu sodomita! : expressões bíblicas utilizadas como ofensa por evangélicos e sua relevância para a área de PL2E” / Arthur Lima de Oliveira ; orientador: Rosa Marina de Brito Meyer. – 2021.

75 f. : il. color. ; 30 cm

Dissertação (mestrado)—Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Letras, 2021.

Inclui bibliografia

1. Letras – Teses. 2. PL2E. 3. Interculturalismo. 4. Pragmática. 5. Tabus linguístico-religiosos. 6. Ofensas através de termos bíblicos. I. Meyer, Rosa Marina de Brito. II. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Departamento de Letras. III. Título.

CDD: 400

Agradecimentos

Aos meus pais, que sempre me apoiaram e me deram todo o suporte possível. Amo vocês!

À querida e excelente orientadora Professora Doutora Rosa Marina de Brito Meyer, pelo acolhimento e acompanhamento durante o mestrado. Seu apoio e conhecimento foram de fundamental importância para minha formação e para a conclusão desta etapa.

À PUC-Rio, pelo apoio em relação aos auxílios concedidos e pela acolhida, principalmente em tempos tão difíceis.

Aos amigos da PUC-Rio, especialmente aos do Grupo de Estudos de PL2E. Sem vocês, a caminhada seria bem mais difícil. Ao Allan, que me acompanha desde os tempos da Rural, e ao Leandro, que compartilhou as experiências da rota Zona Oeste – Zona Sul. Vencemos, amigos!

À Professora Doutora Angela Bravin, que me introduziu na área de PL2E e da pesquisa acadêmica. Sou muito grato a você.

Aos amigos e amigas que tenho cultivado ao longo dos anos e que se tornaram extremamente importantes durante o árduo período de mestrado. Deixo um agradecimento especial a: Vanessa, Lucélia, Rayssa, Rohan, Nilda, Alê, Gabriel e Lucas. Que bom poder partilhar a vida com gente que a torna mais leve e serena.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

Resumo

Oliveira, Arthur Lima de; Meyer, Rosa Marina de Brito (Orientadora). **Seu sodomita! - Expressões bíblicas utilizadas como ofensa por evangélicos e sua relevância para a área de PL2E**. Rio de Janeiro, 2021. 75p. Dissertação de Mestrado -Departamento de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

Este trabalho discorre sobre o uso de palavras e expressões da Bíblia encontradas com valor ofensivo em contextos de interação verbal entre falantes de língua portuguesa, em especial, o grupo dos evangélicos, que criam e se utilizam de boa parte desse léxico em suas rotinas linguístico-interacionais. A fim de se compreender como o léxico de ofensa atua nessas interações, utilizam-se vertentes teóricas associadas a aspectos linguísticos, pragmáticos, culturais e interculturais, através de autores como Hall (1976), Brown e Levinson (1987), Culpeper (1996, 2010), DaMatta (1997), Hofstede (2001) e Carretero (2011). Os resultados da análise de vinte e uma expressões colhidas na rede social *Twitter* demonstram que seu uso é bastante produtivo, ao possibilitar o ato de ofender alguém sem o uso de ofensas usuais e palavrões, substituindo-os por expressões bíblicas. Segundo as seis categorias de análise adotadas, são identificados diferentes tipos de ofensas e seus respectivos contextos de uso. Essa pesquisa traz contribuição para as áreas dos estudos religiosos e do Português como Segunda Língua Para Estrangeiros (PL2E); para esta última, são apresentadas três propostas de aplicação didática.

Palavras-chave

PL2E; interculturalismo; pragmática; tabus linguístico-religiosos; ofensas através de termos bíblicos.

Abstract

Oliveira, Arthur Lima de; Meyer, Rosa Marina de Brito (Advisor). **You sodomite! - Biblical expressions used as an offense by evangelicals and their relevance to the area of PL2E.** Rio de Janeiro, 2021. 75p. Dissertação de Mestrado - Departamento de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

This work discusses the use of words and expressions of the Bible found with offensive value in contexts of verbal interaction between Portuguese speakers, especially the group of evangelicals, who create and use a good part of this lexicon in their linguistic routines- interactional. In order to understand how the lexicon of offense acts in these interactions, theoretical aspects associated with linguistic, pragmatic, cultural and intercultural aspects are used, through authors such as Hall (1976), Brown and Levinson (1987), Culpeper (1996; 2010), DaMatta (1997), Hofstede (2001) and Carretero (2011). The results of the analysis of twenty-one expressions collected on the social network Twitter demonstrate that its use is quite productive, by enabling the act of offending someone without the use of usual offenses and profanity, replacing them with biblical expressions. According to the six categories of analysis adopted, different types of offenses and their respective contexts of use are identified. This research contributes to the areas of religious studies and Portuguese as a Second/Foreign Language (PSL/PFL); for the latter, three proposals for didactic application are presented.

Keywords

PSL/PFL; interculturalism; pragmatics; linguistic-religious taboos; offenses through biblical terms.

Sumário

1. Introdução	9
2. Pressupostos Teóricos e Metodologia	16
2.1. Antropologia Social	18
2.2. Pragmática	22
2.3. Lexicultura	24
2.4. Interculturalismo	27
2.5. Conceitos de análise	30
2.6. Metodologia	30
3. Análise de dados	33
3.1. Referências bíblicas	34
3.1.1. Apóstata	34
3.1.2. Árvore infrutífera	36
3.2. Usos	37
3.2.1. Gadareno	37
3.2.2. Mercador da fé	38
3.3. Significados	39
3.3.1. Penina	40
3.3.2. Judas	41
3.4. Graus de ofensa	42
3.4.1. Filho pródigo	42
3.4.2. Herege	43
3.4.3. Eunuco	44
3.5. Categorias	45
3.5.1. Física	45
3.5.1.1. Cego de Jericó	45
3.5.1.2. Mão mirrada	46
3.5.2. Sexual	46
3.5.2.1. Filho de meretriz	47

3.5.2.2. Sodomita	47
3.5.3. Social	48
3.5.3.1. Escarnecedor	48
3.5.3.2. Filho de Barrabás	49
3.5.4. Moral	50
3.5.4.1. Fariseu	50
3.5.4.2. Pedra de tropeço	51
3.5.5. Comportamental	51
3.5.5.1. Filho de Caim	52
3.5.5.2. Praga do Egito	52
3.5.6. Mental	53
3.5.6.1. Atribulado	53
3.5.6.2. Jumenta de Balaão	54
3.6. O lugar das ofensas bíblicas no ensino de PL2E	55
3.6.1. Sugestão de atividades	57
3.6.1.1. Atividade 1	58
3.6.1.2. Atividade 2	58
3.6.1.3. Atividade 3	59
4. Conclusão	61
5. Referências bibliográficas	66
Apêndice	68
Anexo – Prints dos tuítes	71

Introdução

Este trabalho discorre sobre o uso de palavras e expressões da Bíblia encontradas com valor ofensivo em contextos de interação verbal entre falantes de língua portuguesa, em especial, o grupo dos evangélicos, que criam e se utilizam de boa parte desse léxico.

Em geral, a cultura brasileira apresenta uma abertura muito grande a elementos da oralidade, como os palavrões e as ofensas. Em determinados registros linguísticos urbanos, como o dos cariocas, alguns palavrões são utilizados como marcadores discursivos e/ou interjeição. Logo, a presença de ofensas no léxico do português brasileiro é um ponto importante a ser abordado nas aulas de Português como segunda língua para estrangeiros (doravante PL2E).

Nesse âmbito, entram alguns aspectos específicos da cultura evangélica no Brasil, que tem crescido bastante através das denominações evangélicas de massa, como as igrejas pentecostais e neopentecostais materializadas sob as alcunhas de Igreja Universal do Reino de Deus, Igreja Mundial do Poder de Deus, Assembleia de Deus Vitória em Cristo, Igreja da Graça, entre outras que partilham de parâmetros litúrgicos semelhantes, como o que se deve dizer ou não, incluindo questões acerca do que se pode ouvir, assistir, questionar, além do uso de palavrões, que devem ser evitados a todo custo. No entanto, neste último caso, há uma flexibilização bastante sutil e velada, já que alguns pastores e pessoas públicas fazem uso frequente dessas estruturas em suas comunicações verbais.

A motivação para o desenvolvimento desta dissertação relaciona-se à vivência do autor deste trabalho durante aproximadamente 15 anos inserido no meio evangélico, passando por diversas denominações tais como duas Igrejas Batistas, uma Assembleia de Deus e uma Comunidade Evangélica. Em sua experiência pessoal, o autor pôde perceber, em vários contextos religiosos, principalmente em eventos mais abertos como passeios, partidas de futebol e até em momentos de conflito entre membros, o uso ofensivo de palavras e expressões que estão na Bíblia, livro norteador da doutrina e do comportamento dos evangélicos.

É de fundamental importância compreender que, como afirma Waitz (2019, p. 40), “definir pentecostalismo, neopentecostalismo e estabelecer as diferenças entre eles apresenta algumas dificuldades iniciais (...). Talvez a palavra que os melhor definiria — e ainda assim longe de definir coisa alguma — é movimento”. Nesse sentido, usamos em diversos momentos o substantivo “evangélicos”, para fazer referência aos indivíduos que compõem esse grupo heterogêneo, pois ainda de acordo com o autor, uma igreja neopentecostal, por exemplo,

vai preferir se identificar como ‘evangélica’ ou ‘cristã’. As suas práticas, a sua liturgia, a sua organização eclesial é que vão estabelecê-la como integrante ou não no frame pentecostal. Ser pentecostal é, portanto, uma prática, inscrita em um quadro de valores que, para além de critérios de classificação religiosa, produzem uma identidade. (WAITZ, 2019, p. 40)

Em linhas gerais, para facilitar a compreensão do que chamamos de “evangélicos” neste trabalho, partimos do conceito de Protestantismo, que diz respeito à insurgência de uma ala da Igreja Católica, fundando tal vertente religiosa. Dentro do Protestantismo, há uma clássica divisão entre duas linhas de doutrina: Pentecostalismo e Neopentecostalismo.

O primeiro termo engloba instituições religiosas mais antigas e tradicionais em que a experiência espiritual é mais individualizada. As que mais representam essa perspectiva são as igrejas Batista, Adventista, Deus é Amor, O Brasil para Cristo e Assembleia de Deus, por exemplo; já o segundo termo está associado a instituições religiosas mais conservadoras em relação a costumes. Suas características mais acentuadas são: pastor como autoridade máxima e inquestionável, foco nos dons de cura, profecias e batalha espiritual. As principais representantes são a Igreja da Graça, Assembleia de Deus Vitória em Cristo (ADVEC), Igreja Mundial do Poder de Deus, Renascer, entre outras.

Vale ressaltar que essa divisão é bastante complexa e repleta de nuances, tendo em vista a expansão desses grupos e de suas respectivas práticas dentro das igrejas inseridas nesse contexto.

Para o autor, “pode-se dizer que são evangélicos [...] por práticas (de culto, de pregação, de proselitismo) e pela sua relação com o mundo; isso é: com tudo aquilo que não compõe o universo da Igreja; o resto” (WAITZ, 2019, p. 40).

Além disso, cabe destacar as restrições da doutrina evangélica sobre a vida privada de seus fiéis, que passam a seguir uma cartilha do que se deve e o que não

se deve fazer. Frequentemente, essas orientações não são expressas em documentos oficiais, mas são transmitidas através das pregações, sermões e no convívio entre os membros pertencentes a essas entidades religiosas.

Tais restrições situam-se, principalmente, nas esferas moral e social, pois revelam-se como pontos de contato entre o sagrado e o profano, tendo em vista que os evangélicos estão presentes na vida cotidiana secular. Por esta razão, esses indivíduos devem apresentar um comportamento diferenciado das demais pessoas.

O uso de bebidas alcoólicas, por exemplo, não é recomendado por boa parte das igrejas evangélicas. A justificativa mais frequente para que se preze por esse comportamento é que a ingestão de bebida alcoólica altera o comportamento das pessoas, tornando-as mais agressivas e inconsequentes. Algumas igrejas evangélicas, entretanto, não interferem nesse aspecto. Inclusive, alguns pastores tomam vinho, champanhe, entre outras bebidas alcoólicas.

O sexo, sem dúvidas, é outro tema tabu para evangélicos, em geral, apesar de estar presente em constantes sermões e pregações, mas nesse caso com um viés repressivo. Para Dantas (2010, p. 723), “a sexualidade está presente no discurso dos fiéis, que não cansam de imaginar como será a noite de núpcias. O sexo, considerado em muitos casos um ato profano, aparece aos fiéis casados como um presente divino”. A castidade sexual antes do casamento é um dos princípios morais desse grupo, inclusive para aqueles que já tiveram experiências sexuais anteriores, em função de uma vida nova após aceitarem a Jesus como seu único salvador.

Assim como nas questões ligadas ao sexo e ao álcool, no meio evangélico, o modo de se expressar verbalmente deve ser adaptado conforme os princípios bíblicos, sobretudo os que estão relacionados à boa conduta, sem uso de expressões e palavras de baixo calão, pois estas são associadas, segundo a doutrina evangélica, a pessoas mundanas e que precisam se converter à religião evangélica. No entanto, diversos usos de ofensas adaptadas para o linguajar bíblico são vistos e proferidos por todos, desde o pastor até os membros sem cargo eclesiástico, o que é um indício de que é possível ofender alguém sem que se burle a regra de não dizer palavrões. É neste contexto que a presente dissertação é desenvolvida, a fim de reconhecer tais expressões e palavras de ofensa e descrevê-las.

As questões relacionadas à moralidade e ao comportamento idealizado também são aspectos importantes dentro do âmbito evangélico e, conseqüentemente, tornam-se propensas a ganhar relevância nas interações verbais

entre membros desse grupo, o que favorece a criação e a utilização de expressões linguísticas relacionadas, como os palavrões e ofensas, por exemplo.

Nesse cenário, surgem expressões que são subvertidas e usadas como ofensas nas interações comunicacionais orais e escritas. Um exemplo é a expressão “vendilhão do templo”, adaptação da expressão usada por Jesus para fazer referência aos comerciantes do templo (Mateus 21:12). No exemplo a seguir, extraído de um vídeo na plataforma Youtube, o professor Marco Antônio Villa se utiliza dessa expressão para se referir ao deputado e pastor Marco Antônio Feliciano: “[...] é um cara de pau, um **vendilhão do templo**, falso profeta...”¹ (grifo nosso).

Pode-se perceber que a expressão “vendilhão do templo” aparece num contexto discursivo no qual é reforçada por duas outras expressões ofensivas, sendo uma não bíblica (cara de pau) e a outra de origem bíblica (falso profeta). É importante destacar que essa expressão é direcionada a pessoas que, em geral, possuem algum cargo eclesiástico, como pastores e outras lideranças religiosas. Há outros usos e direcionamentos, a depender da palavra ou expressão de ofensa. Isso significa que nem toda ofensa de cunho bíblico pode ser utilizada indiscriminadamente. Alguns critérios são apontados ao longo deste trabalho, a fim de descrever e caracterizar essas expressões e palavras de ofensa.

Sob outro olhar, o crescimento dos evangélicos no cenário sociopolítico reflete a necessidade de se analisar o uso de expressões de ofensa, a partir de uma perspectiva de visibilidade e influência que promovem na sociedade brasileira contemporânea. Cabe ressaltar, no entanto, que esse grupo traz influências de vários tipos, como, por exemplo, em contextos de redes sociais, em que exercem o papel de influenciadores digitais. Um exemplo bem recente desse aspecto é o uso de trechos de músicas e falas evangélicas em aplicativos de dublagem, alcançando milhares de pessoas. Nesse caso, expressões comuns dentro do vocabulário evangélico e que servem para expressar diversas sensações e sentimentos podem ser percebidos nas interações, como a expressão “sangue de Jesus tem poder”, que revela uma surpresa ou um choque diante de algum fato ou notícia, por exemplo.

¹ Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=jaQgBP2y93o>>. Acesso em: 02 jan. 2021.

Dentre os variados impactos no comportamento social provocados pela ação desse grupo nas redes sociais, incluem-se, também, as ofensas, que, apesar de serem previamente evitadas, estão na boca do povo, como se diz vulgarmente.

Essa influência pode ser vista até em novelas brasileiras, marca inequívoca da cultura brasileira, nas quais retratam-se personagens como Dolores, personagem da novela Avenida Brasil da TV Globo, que retrata uma ex-atriz de filmes pornográficos conhecida como Soninha Catatau, que se converteu e abandonou a vida pregressa e pecaminosa para se tornar evangélica, uma nova criatura no linguajar evangélico. Entretanto, no final da novela, Dolores volta a assumir sua antiga identidade do mundo da pornografia.

Outra personagem evangélica que também reforça essa problematização em relação ao que se espera do comportamento dos evangélicos em relação ao que, em geral, é ensinado nas igrejas, é a Creusa, vivida por Juliana Paes, em América, uma telenovela de 2005. Essa personagem, aos olhos de todos, era um excelente exemplo de mulher religiosa e santa, mas se insinuava para diversos homens e tinha relações sexuais com eles, o que é condenado quando esse comportamento é descoberto. Em geral estereotipadas, essas personagens reforçam a ideia de que há diferentes desvios da conduta cristã esperada.

A relevância para o estudo deste assunto justifica-se pelas frequentes missões cristãs de grupos estrangeiros para o Brasil, com o objetivo de levar a palavra de Deus a todas as criaturas, conforme descrito em Marcos 16:15: “[i]de por todo o mundo, pregai o evangelho a toda criatura”. Apesar de o Brasil ser um dos países que enviam missionários religiosos para outras nações, também recebe muitos missionários estrangeiros, principalmente em lugares majoritariamente marginalizados, com poucos recursos, sem uma qualidade de vida suficientemente adequada.

Outra justificativa é a crescente expressividade sociopolítica dos evangélicos no contexto brasileiro, que se verifica, por exemplo, com a presença de diversos representantes desse grupo no Congresso Nacional Brasileiro.

O estudo busca compreender e descrever um conjunto de expressões de ofensa dentro do recorte evangélico, pois tal vocabulário está presente nas formas de expressão desse segmento religioso, embora possa ser utilizado por não membros desse grupo, o que torna relevante a necessidade de desvendar os usos advindos dessas expressões e seus respectivos sentidos gerados.

O objetivo geral deste trabalho é apresentar expressões de ofensa utilizadas por grupos evangélicos em interações autênticas, a fim de contribuir com o ensino e aprendizagem de PL2E. São cinco os objetivos específicos, a saber:

- Listar os termos ofensivos de base bíblica encontrados em tuítes, a partir de um conjunto prévio de hipóteses;
- Caracterizar contextos de uso em que essas palavras e expressões são usadas, a fim de descrever melhor seus usos;
- Estabelecer escala de ofensividade na qual seja possível agrupar as palavras e expressões de ofensa nos níveis leve, moderado e grave;
- Analisar categorias que podem interferir no grau de ofensividade;
- Propor ao ensino de PL2E o conhecimento gerado a partir dos usos de palavras ofensivas no meio evangélico.

Este trabalho compõe-se de quatro capítulos, sendo divididos em: Introdução, Pressupostos Teóricos e Metodologia, Análise de dados e Conclusão.

Neste primeiro capítulo, Introdução, apresentamos o tema do trabalho, a motivação para o seu desenvolvimento, abordando as principais questões que interferem no modo de expressar ataques verbais utilizando-se, como fonte principal, o texto bíblico. Além disso, apontamos o objetivo geral e os objetivos específicos.

No segundo capítulo, Pressupostos Teóricos e Metodologia, apresentam-se os pressupostos teóricos que norteiam todo o desenvolvimento desta dissertação, através do uso de conceitos e definições oriundas de diferentes vertentes teóricas associadas ao âmbito da linguagem e da cultura. Dentre essas vertentes teóricas, destacamos os autores Carretero (2011), Brown e Levinson (1987), Culpeper (1996, 2010), Hall (1976), DaMatta (1997) e Hofstede (2001). A metodologia adotada neste trabalho é de natureza qualitativa, interpretativa e de base etnográfica.

No terceiro, Análise de Dados, são analisadas, em tuítes públicos, 21 ocorrências de palavras e/ou expressões de ofensa que, nos contextos dados, são utilizadas como um recurso ofensivo e de ataque verbal a diferentes pessoas. Essas ocorrências são examinadas com base em categorias estabelecidas por Carretero (2011) e pelo autor deste trabalho. O capítulo é concluído com algumas sugestões didáticas e propostas de atividades, a partir das quais, os professores de PL2E

podem se inspirar e criar outras, pois as ofensas, independentemente de suas variações, são um fenômeno linguístico-cultural que não deve ser omitido durante as aulas de língua e cultura brasileiras.

No quarto e último capítulo, Conclusão, são revisados o tema, os objetivos propostos e avalia-se a contribuição desta dissertação para a área de PL2E, ao possibilitar mais um arcabouço comunicativo e interacional tanto a professores quanto a aprendizes de Português como segunda língua ou língua estrangeira.

2

Pressupostos Teóricos e Metodologia

A língua é entendida, neste estudo, a partir de sua relação com a cultura, sendo estas indissociáveis. Não se pode, portanto, descrever fenômenos linguísticos sem considerar seus respectivos contextos de uso, ou seja, é preciso compreender em quais circunstâncias os fatos da língua ocorrem para que possam ser melhor percebidos e descritos.

A base lexical de uma determinada língua é permeada por elementos formais ou gramaticais, interacionais e culturais. Novas palavras, expressões e seus possíveis usos são diariamente enunciados pelos falantes em situações comunicacionais diversas e, como consequência, essa produção tem efeitos diretos sobre o comportamento linguístico-interacional dos falantes. Um dos principais exemplos dessa produção linguística constante pode ser percebido através do uso de palavras e expressões ofensivas.

Em determinadas culturas, utilizar palavras e expressões de ofensa é um ato de extremo desrespeito; já em outras, tal uso faz parte da rotina linguística dos falantes, algo naturalizado e que pode ser visto como uma característica cultural. É possível perceber que em Português do Brasil, por exemplo, essas palavras assumem um papel importante nas interações entre os falantes e nem sempre estão associadas a uma conotação negativa. Carretero (2011) entende a ofensa como um ato de fala e ressalta que seu principal objetivo “não é outro senão irritar, em maior ou menor grau, o receptor” (CARRETERO, 2011, p. 3). Apesar disso, podemos perceber outros usos para as palavras e expressões de ofensa e que esses usos divergem entre as diferentes culturas.

Frequentemente, os falantes de português não se dão conta de que se utilizam de uma gama de termos ofensivos nas situações mais corriqueiras como bater o dedo mínimo numa mesa ou em alguma ocasião em que algo não saiu como o esperado, por exemplo. Há casos, no entanto, em que certos termos chulos são ressignificados, a exemplo do que ocorre com certos termos como gay, bicha, sapatão, entre outros. Essas modificações apontam para uma possível reapropriação dessas palavras ligadas às próprias identidades da população LGBTQIA+

(Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Transgêneros, Queer, Intersexuais, Assexuais, entre outras orientações sexuais e identidades de gênero).

As culturas, de modo geral, estão organizadas de modos distintos, o que se reflete na diversidade dos aspectos culturais valorizados por cada povo. A percepção de que diferentes culturas priorizam diferentes aspectos sociais e culturais foi descrita pelo antropólogo norteamericano Edward Twitchell Hall (1976), que elaborou, entre outras categorizações, dois padrões de culturas: as de alto contexto e as de baixo contexto.

Em culturas de baixo contexto, as interações são de cunho mais verbal, ou seja, as mensagens são expressas explicitamente, sem a necessidade de se mobilizarem conhecimentos implícitos ou presentes em aspectos extralinguísticos da interação (postura, gestos, expressões faciais, dados contextuais etc.). Essas interações ocorrem, de modo geral, no plano linguístico.

Por outro lado, nas culturas de alto contexto precisam ser levadas em conta as crenças religiosas, os papéis de gênero, o distanciamento, a hierarquia entre os falantes e os tantos demais aspectos presentes numa interação que, no entanto, geralmente não são percebidos tão facilmente pelos falantes nativos. Para falantes de outras línguas aprendizes de português, então, essa percepção torna-se ainda mais difícil, por não dominarem as competências interculturais necessárias ao desempenho linguístico-comunicacional.

Hall (1976) enfatiza que o intuito de categorizar as culturas em baixo contexto e alto contexto não está ligado a uma perspectiva de que as culturas de alto contexto sejam superiores às de baixo contexto, mas que é importante percebê-las como completas, cada uma com suas próprias nuances. Além disso, o autor reforça a ideia de que alguns elementos culturais não são, muitas vezes, percebidos pelos próprios falantes de uma determinada cultura.

A análise desenvolvida neste trabalho parte de uma perspectiva múltipla em relação às teorias que embasam a metodologia e a análise de dados, tendo em vista os diferentes aspectos presentes nos dados linguísticos coletados. Para tanto, utilizam-se conceitos das áreas da Antropologia Social, da Pragmática, da Lexicultura e do Interculturalismo.

A Antropologia Social é incluída neste estudo por possibilitar a análise dos dados a partir das relações de convívio social reveladas nas interações. Utilizam-se,

nesse sentido, os conceitos de “casa” e “rua”, teorizados por DaMatta (1997) (cf. a seção 2.1).

Outra perspectiva teórica desenvolvida neste trabalho é proveniente dos estudos pragmáticos. Os aspectos teóricos mais relevantes para este trabalho são os conceitos de face (GOFFMAN, 1983), de polidez (BROWN; LEVINSON, 1987) e de impolidez (CULPEPER, 1996, 2010). Além dos pontos abordados anteriormente, faz-se necessário trazer o aporte teórico de Wierzbicka (2003), que propõe os níveis de proximidade e distanciamento para analisar interações sociais, o que viabiliza a análise das palavras e expressões de ofensa presentes neste estudo. Esses níveis são fundamentais para que se percebam os contextos em que as expressões são empregadas (cf. 2.2).

Da Lexicultura, extraímos algumas categorias de ofensa das palavras-tabu definidas por Carretero (2011) a fim de utilizá-las em nossa análise (cf. 2.3). Tais categorias não abarcam, porém, todos os aspectos presentes nos dados coletados, sendo necessário acrescentar outras ao trabalho, como se verá no capítulo 3.

O Interculturalismo, apesar de não ser uma área específica da linguagem, estabelece uma relação muito próxima com os estudos linguísticos. Fazemos uso do conceito de hierarquia (*power distance*, em inglês), de Hofstede (2001), utilizando-nos de conceitos presentes no site *Hofstede Insights*² sempre atualizado, a fim de desvelar os graus hierárquicos presentes nos dados (cf. 2.4).

2.1. Antropologia Social

Os estudos antropológicos caracterizam-se pelo estudo do homem a partir de suas complexas dimensões biológica, social e cultural. Esses três componentes elementares dos povos são fundamentais para que haja compreensão acerca dos fenômenos que ocorrem dentro das culturas. Nesse sentido, a perspectiva da Antropologia Social centra-se em aspectos sociais como a organização sociopolítica dos indivíduos e as relações de parentesco, por exemplo.

O antropólogo Roberto DaMatta (1997) apresenta, entre outros, dois conceitos relevantes para esta pesquisa: “casa” e “rua”. Esses termos estão intrinsecamente associados e contribuem com estudos de diversas áreas, inclusive

2 Disponível em: <<https://hi.hofstede-insights.com/national-culture>>. Acesso em: 26 mar. 2021.

os interculturais. Esses conceitos são desenvolvidos, neste trabalho, em analogia aos conceitos de “proximidade” e “distanciamento”, de Wierzbicka (cf. 2.2).

As relações de “proximidade” e “distanciamento”, como as que se estabelecem a partir de graus de parentesco, são um fator que deve ser levado em consideração nos estudos relacionados à língua e à cultura dos povos, pois se trata de um componente social que altera significativamente as interações entre falantes.

“Casa” e “rua” são apresentados na teoria de DaMatta (1997) como espaços simbólicos, o que sugere a imaterialidade desses ambientes. Entretanto, deve-se ressaltar que esse fato não invalida a aplicabilidade desses conceitos na análise comportamental e verbal dos falantes.

É a partir da coexistência desses dois aspectos que os graus de proximidade e distanciamento podem ser verificados. A extensão desses espaços é variável a depender das alterações nas interações, ou seja, o espaço “casa”, por exemplo, pode ser ampliado ou reduzido num determinado contexto sociocomunicacional.

Para DaMatta (1997, p. 8, grifo nosso),

[...] **casa** e **rua** são categorias sociológicas para os brasileiros, estou afirmando que, entre nós, estas palavras não designam simplesmente espaços geográficos ou coisas físicas comensuráveis, mas acima de tudo entidades morais, esferas de ação social, províncias éticas dotadas de positividade, domínios culturais institucionalizados e, por causa disso, capazes de despertar emoções, reações, leis, orações, músicas e imagens esteticamente emolduradas e inspiradas.

Em linhas gerais, a “casa” está diretamente relacionada ao que é de caráter privativo ou relacionado ao ambiente familiar, de proximidade. Já a “rua” engloba as interações e relações que ocorrem no âmbito público, sem proximidade afetiva. DaMatta propõe-se a definir esses dois conceitos como categorias sociológicas para os brasileiros, pois a compreensão acerca da cultura brasileira esbarra na relação entre “casa” e “rua”, em seu sentido mais abstrato.

Para DaMatta (1997), há

o código da **casa** (fundado na família, na amizade, na lealdade, na pessoa e no compadrio) e o código da **rua** (baseado em leis universais, numa burocracia antiga e profundamente ancorada entre nós, e num formalismo jurídico-legal que chega às raíais do absurdo). (DAMATTA, 1997, p. 15, grifo nosso)

Tais espaços estão em constante interação, expansão e retração, a depender do contexto situacional em que as interações verbais ocorrem.

Metáforas e símbolos onde a casa é contrastada com a rua são, pois, abundantes numa sociedade onde casa é concebida não apenas como um espaço que pode abrigar iguais (como é o caso da família norte-americana) e está sujeita às normas vigentes na rua, mas como uma área especial: onde não existem indivíduos e todos são pessoas, isto é, todos que habitam uma casa brasileira se relacionam entre si por meio de laços de sangue, idade, sexo e vínculos de hospitalidade e simpatia que permitem fazer da casa uma metáfora da própria sociedade brasileira. (DAMATTA, 1997, p. 37)

À primeira vista, esses conceitos não parecem esclarecer questões que se colocam diante dos estudos interculturais, mas acrescentam uma nova perspectiva de análise que contribui bastante para o aprimoramento das técnicas de análise e interpretação de dados linguísticos produzidos em culturas onde a relação “casa-rua” se dá de modo contínuo e entrelaçado. Não é possível conceituar a “casa” sem descrever a “rua”, pois esses espaços são interdependentes.

A aprendizagem das estruturas linguísticas de um determinado idioma é, geralmente, o primeiro foco dado tanto por alunos estrangeiros quanto por professores, estrangeiros ou não. A questão que se coloca e que tem se mostrado relevante é a importância de se ensinarem as estruturas linguísticas com o suporte de elementos culturais e interacionais focados na cultura da língua-alvo. Sem bagagem linguístico-pragmática, um aprendiz de PL2E, por exemplo, pode encontrar dificuldades para interagir plenamente com outros falantes de português, haja vista os diferentes elementos verbais e não verbais presentes nas interações em português brasileiro.

A “rua” é vista, na perspectiva de DaMatta (1997), como um local onde os valores individuais imperam, entretanto, é possível perceber contradições, pois ao mesmo tempo em que esse espaço se mostra hostil, também pode ser acolhedor. A “casa”, segundo o autor, não pode ser um ambiente contraditório, sob o risco de se promover mal-estar entre os falantes.

Destaca-se a relevância de se trabalharem os conceitos “casa” e “rua” no contexto brasileiro tendo em foco as interações verbais entre falantes de português. Em algumas situações comunicacionais, é possível perceber que os brasileiros frequentemente tentam estabelecer ao menos alguma interação com pessoas desconhecidas em diversas situações e ambiente, principalmente os fechados: elevador, transporte público, filas de banco, salas de espera, entre outros.

Viana (2020) aponta que “[q]uando a conversa fica silenciosa ou com poucas palavras, geralmente há algum problema comunicativo seguido de algum constrangimento” (VIANA, 2020, p. 19-20). O silêncio, por exemplo, é evitado dentro do espectro cultural brasileiro, o que favorece a interação verbal, ainda que mínima, entre os falantes.

Essas situações reforçam a expansão do conceito “casa” em direção à “rua”, fenômeno recorrente entre falantes de português, ou seja, a relação que seria própria do ambiente privado passa a ocorrer em espaços públicos (“rua”).

DaMatta (1997) afirma que a cultura brasileira é construída “a partir de um ‘&’, um elo que permite batizar duas entidades e que, simultaneamente, inventa o seu próprio espaço” (DAMATTA, 1997, p. 16). É importante compreender essa nova perspectiva dada a esses espaços pelo autor. A “casa”, portanto, não seria somente o espaço físico onde pessoas da mesma família convivem diariamente, mas assumiria um lugar social, imaterial, no qual pessoas que não possuem nenhum tipo de vínculo familiar e/ou de proximidade possam interagir como se o tivessem.

O contínuo entre “casa” e “rua” está tão enraizado na cultura brasileira, que é bastante difícil perceber que as interações sociais se baseiam, em grande parte, nessa relação. Um exemplo que facilita a aplicação desses conceitos de DaMatta (1997) e no qual se pode perceber a cultura brasileira e diferenciá-la das demais, onde as fronteiras entre “proximidade” e “distanciamento” são bem delimitadas, ou seja, onde não é permitido ultrapassar os limites convencionados nos contextos interacionais, são as conversas sobre a previsão do tempo no elevador. Esse espaço físico é bastante estreito e, culturalmente, permanecer em silêncio pode ser mais constrangedor do que comentar sobre a previsão do tempo. O hábito de iniciar uma conversa banal, como a exemplificada, não é exclusivo dos brasileiros, mas é uma de suas principais características em relação às interações verbais.

Outro exemplo em que as categorias “casa” e “rua”, no sentido de “proximidade” e “distanciamento”, podem ser percebidas são os convites para festas de aniversário. Na cultura brasileira, é comum alunos convidarem professores para suas festas de aniversário sem que isso seja visto como inadequado. Em outras culturas, como a francesa por exemplo, esse tipo de convite seria improvável. Essas condutas variam em função da relação de “proximidade” e “distanciamento” preconizadas socialmente por cada cultura.

Para Wierzbicka (2003), a “proximidade (*versus* “distanciamento”) tende a ser uma característica permanente de uma relação. Nesse contexto, a autora destaca que, se alguém valoriza a ausência de conflitos, por exemplo, a proximidade pode ser perigosa, pois a outra pessoa sabe quais são nossas fraquezas, medos e inseguranças. A autora ainda ressalta que nem todas as culturas incentivam a proximidade, o que pode ser visto negativamente por culturas mais acolhedoras, como a brasileira.

Compreender como um determinado povo interage socialmente é fundamental para os estudos interculturais e, sobretudo, para as relações interculturais. Esses aspectos contribuem com o aprimoramento da descrição linguístico-comportamental de falantes nativos e isso tem reflexos importantes no ensino e na aprendizagem de línguas estrangeiras.

2.2. Pragmática

Os estudos pragmáticos são importantes para a compreensão de elementos que ultrapassam as fronteiras dos aspectos puramente linguísticos presentes nas interações verbais. Nessa área, destacam-se alguns autores cujos trabalhos são fundantes e alteraram o panorama dos estudos da linguagem, dentre eles: Goffman (1967, 1983), Brown e Levinson (1987), Culpeper (1996, 2010) e Wierzbicka (2003).

Alguns conceitos como “face”, “polidez” e “impolidez”, levantados por esses autores, são importantes para a análise dos dados coletados neste trabalho. Esses aspectos possibilitam um maior detalhamento de determinados implícitos nas expressões e palavras de ofensa.

Para Goffman (1967, p. 76, grifo nosso), “o termo **face** pode ser definido como o valor positivo que uma pessoa efetivamente reclama para si mesma através daquilo que os outros presumem ser a linha por ela tomada durante um contato específico.” Esse valor positivo deve ser preservado ao máximo, a fim de que os atos de ameaça à imagem social pelos quais os falantes passam publicamente não tenham efeito.

Para além de ser utilizada como sinônimo de rosto, aparência, esse conceito de “face” deve ser entendida como a forma como os indivíduos se apresentam

socialmente. Essa exposição da “face” tende a se mostrar de forma positiva e negativa, a depender do contexto em que os interlocutores interagem.

Brown e Levinson (1987) trazem uma abordagem mais aprofundada em relação ao conceito de “face” apresentado por Goffman (1967), desmembrando-o em dois tipos:

(a) **face negativa**: a reivindicação básica de territórios, de preservação pessoal, de direitos a não-distração – i.e. de liberdade de ação e liberdade de imposição. (b) **face positiva**: a autoimagem consistente e positiva ou “personalidade” (crucialmente incluindo o desejo de que essa autoimagem seja apreciada e aprovada) reivindicada pelos interactantes. (BROWN; LEVINSON, 1987, p. 61, grifo dos autores)

Os falantes se utilizam dessas duas faces para se expressarem, ora assumindo a “face negativa”, ora mostrando a “face positiva”. Se pensarmos nas interações em português do Brasil, por exemplo, percebemos as alterações de “face” conforme as conversas e diálogos são desenvolvidos em ambiente familiar, escolar ou religioso, entre outros.

Quando alguém se sente ofendido verbalmente, sua “face positiva” fica exposta, já que o desejo em relação à aprovação de outrem não se concretiza. Em contrapartida, a face negativa é afetada quando há invasão ao espaço íntimo. Logo, uma das primeiras atitudes tomadas por indivíduos cuja face negativa tenha sido ameaçada é se impor, reivindicar algo a fim de não sofrer qualquer tipo de sanção.

O conceito de “face” relaciona-se diretamente com os conceitos de “polidez” e “impolidez”. A função da “polidez”, por exemplo, está vinculada à ideia de proteção à face dos interlocutores; enquanto a função da “impolidez” está atrelada, basicamente, à ausência de “polidez” em uma interação verbal.

É importante trazer uma definição detalhada e mais recente sobre a “impolidez”. Culpeper (2010) nos indica que

[a] impolidez é uma atitude negativa em relação a comportamentos específicos que ocorrem em contextos específicos. É sustentada por expectativas, desejos e / ou crenças sobre organização social, incluindo, em particular, como as identidades de uma pessoa ou grupo são mediadas por outras em interação. Os comportamentos situados são vistos negativamente quando entram em conflito com o modo como se espera que eles sejam, como se quer que sejam e / ou como pensam que deveriam ser. Tais comportamentos sempre têm ou presume-se que tenham consequências emocionais para pelo menos um participante, ou seja, causam ou presumivelmente causam ofensa. Vários fatores podem exacerbar quão ofensivo é considerado um comportamento indelicado, incluindo, por exemplo, se alguém entende que um

comportamento é fortemente intencional ou não. (CULPEPER, 2010, p. 3233, tradução nossa³)

Nesse sentido, Culpeper (1996) retoma algumas estratégias de “polidez”, apresentadas por Brown e Levinson (1987), para desenvolver uma teoria focada somente na “impolidez”, pois, na visão dele, esta necessita de critérios próprios. Vejamos as definições, a seguir:

(1) **Impolidez direta** - o ato de ameaça à face é realizado sem ambiguidade, de forma direta e clara. A face, nesse contexto, não é minimizada; (2) **Impolidez positiva** - o uso de estratégias que provocam dano à face positiva do destinatário; (3) **Impolidez negativa** - o uso de estratégias que provocam dano à face negativa do destinatário; (4) **Sarcasmo** ou **polidez simulada** - o ato de ameaça à face é realizado com o uso de estratégias de polidez que são obviamente insinceras. (CULPEPER, 1996, p. 355, tradução nossa⁴)

O papel de uma teoria com foco nas estratégias de impolidez torna-se fundamental para que se consiga compreender melhor o processo comunicativo e o comportamento verbal e não verbal entre falantes. Reforçamos a contribuição desses conceitos para os estudos de base intercultural, que necessitam de suporte teórico-metodológico para desvendar culturas estrangeiras.

2.3. Lexicultura

O léxico das línguas é visto, a princípio, como uma das camadas mais visíveis de cada cultura. Não se deveria tentar compreender e assimilar uma língua estrangeira a partir de seus vocábulos sem aprender sobre seus respectivos modos

3 “Impoliteness is a negative attitude towards specific behaviours occurring in specific contexts. It is sustained by expectations, desires and/or beliefs about social organisation, including, in particular, how one person’s or group’s identities are mediated by others in interaction. Situated behaviours are viewed negatively when they conflict with how one expects them to be, how one wants them to be and/or how one thinks they ought to be. Such behaviours always have or are presumed to have emotional consequences for at least one participant, that is, they cause or are presumed to cause offence. Various factors can exacerbate how offensive an impolite behaviour is taken to be, including for example whether one understands a behaviour to be strongly intentional or not” (CULPEPER, 2010, p. 3233).

4 “(1) Bald on record - the FTA is performed ‘in the most direct, clear, unambiguous and concise way possible’ (Brown and Levinson, 1987:69). (2) Positive politeness - the use of strategies designed to redress the addressee’s positive face wants. (3) Negative politeness - the use of strategies designed to redress the addressee’s negative face wants. (4) Off-record - the FTA is performed in such away that ‘there is more than one unambiguously attributable intention so that the actor cannot be held to have committed himself to one particular intent’ (Brown and Levinson, 1987:69). In other words, perform the FTA by means of an implicature (Grice, 1975)” (CULPEPER, 1996, p. 355).

de organização social, relações de hierarquia, valores, crenças, tabus, entre outros aspectos culturais. Para Biderman (1996, p. 27),

O vocabulário exerce um papel crucial na veiculação do significado, que é, afinal de contas, o objeto da comunicação lingüística. A informação veiculada pela mensagem faz-se, sobretudo, por meio do léxico, das palavras lexicais que integram os enunciados. Sabemos, também, que a referência à realidade extralingüística nos discursos humanos faz-se pelos signos lingüísticos, ou unidades lexicais, que designam os elementos desse universo segundo o recorte feito pela língua e pela cultura correlatas. Assim, o léxico é o lugar da estocagem da significação e dos conteúdos significantes da linguagem humana.

Antes de se compreender como o léxico pode revelar aspectos implícitos de uma determinada língua, é necessário apontar que a relação entre os elementos lexicais acrescidos de seus contextos de uso, ou seja, onde culturalmente são empregados pelos falantes, é denominada lexicultura (DÍAZ, 2003). Para Barbosa (2009, p. 32), “a lexicultura parte do estudo do vocabulário para explicar uma sociedade, ou seja, ela é uma disciplina sociológica que utiliza, como material lingüístico, as palavras”. É a Lexicultura que pode dar conta, portanto, de elementos culturais que são materializados através do léxico, como as palavras de ofensa e as gírias, por exemplo.

Carretero (2011) apresenta um estudo sobre o léxico de ofensa em língua espanhola. O autor ressalta, entretanto, que nem todas as culturas expressam seus vocábulos ofensivos da mesma forma.

Primeiro, nem todas as culturas têm a mesma estima pelo valor das palavras e da honra. Prova disso, encontramos na cultura japonesa, onde esses conceitos são muito valorizados, enquanto os insultos são muito escassos. Por outro lado, temos sociedades ocidentais, como a francesa, inglesa, russo ou italiana, onde os insultos existem aos milhares e são generosamente difusos. No entanto, a cultura que detém o pódio neste domínio de insultar e proferir palavrões é, para o bem ou para o mal, a espanhola. (CARRETERO, 2011, p. 5, tradução nossa⁵)

Para ele, haveria uma espécie de cultura do insulto, de maneira implícita e, por esse ponto de vista, é possível perceber o quanto o léxico voltado para a

5 “En primer lugar, no todas las culturas profesan la misma estima al valor de las palabras y al honor. Prueba de ello lo encontramos en la cultura japonesa, donde tanto se valoran estos conceptos, siendo los insultos muy escasos. Por otra parte, tenemos a las sociedades occidentales, como las culturas francesa, inglesa, rusa, o italiana, donde los insultos existen a millares y se prodigan con generosa difusión. Sin embargo, la cultura que ostenta el podio en esto de insultar y proferir improperios es, para bien o para mal, la española” (CARRETERO, 2011, p. 5).

impolidez e para ofensas de diversos tipos está presente nas sociedades como um todo. Algumas são mais polidas que outras, mas expressões de ofensa estão presentes em todas as línguas. Carretero (2011) ainda acrescenta que “ofender é um ato de fala, por excelência, do mesmo modo que ordenar e prometer também o são” (CARRETERO, 2011, p. 3).

Ao apresentar sua teoria, o autor nos aponta possíveis categorias de ofensa que estão ligadas a

[...] determinados comportamentos sexuais (‘bicha, prostituta, pajillero, ladrão, filho da puta’), psiquiátricos (‘idiota, idiota, subnormal, mongol’) ou social (‘ladrão, bêbado, prostituta, cruel’) que o remetente não gosta (embora talvez alguém tenha perturbado sim). O sentido negativo pode ser afirmado diretamente (‘assassino’, para insultar um médico), ou através de expressões que o implicam de maneira simples (‘porco’, para sugerir que alguém tem um comportamento baixo) [...] (CARRETERO, 2011, p. 4, tradução nossa⁶)

Além disso, o autor apresenta uma escala que categoriza os vocábulos e termos ofensivos em: “muito ameaçador”, em que os insultos são usados para atacar, humilhar e prejudicar a imagem dos interlocutores, o que pode levar a um rompimento da interação e provocar o silêncio entre eles; “ameaçador”, que são os insultos que atacam a imagem dos interlocutores, sendo que não rompem o processo comunicativo, não há silêncio constrangedor nem outro insulto por parte interlocutor, mas podem ser respondido através de risadas ou expressões bem humoradas; “pouco ameaçador”, que podem ser aqueles usados para atacar, humilhar e desacreditar alguém ausente, para avaliar positiva ou negativamente alguém ausente, para avaliar positivamente os interlocutores ou aqueles usados para chamar a atenção para os interlocutores; “nada ameaçador”, em que os insultos, palavras e palavras usadas como marcas de ênfase para frases, expressões exclamativas (CARRETERO, 2011).

No que tange aos preceitos evangélicos, as categorias de Carretero não são suficientes para abarcar suas especificidades contextuais, o que reforça a

6 “[...] determinados comportamientos sexuales (‘maricón, puta, pajillero, asaltacunas, calientapollas’), diagnósticos psiquiátricos (‘imbécil, idiota, subnormal, mongolo’), o sociales (‘ladrón, borracho, putero, vicioso’) que al emisor no le gustan (aunque quizás a algún perturbado sí). El sentido negativo se puede enunciar directamente (‘asesino’, para insultar a un médico), o a través de expresiones que lo implican de forma simple (‘cerdo’, para sugerir que alguien tiene un comportamiento bajo), o a veces francamente retorcida (‘matasanos’, para referirnos al médico; ‘pierdes aceite’, para ‘maricón’) [...]” (CARRETERO, 2011, p. 4).

necessidade de apresentamos categorias novas. Além disso, cabe destacar QUE tais categorias possibilitam analisar como as palavras presentes no texto bíblico podem servir como ofensa a depender de seu tipo. Um exemplo relevante são as ofensas direcionadas à sexualidade, que ainda é vista como um assunto-tabu por muitos seguidores desse segmento religioso.

O léxico do português brasileiro, assim como os de outras culturas, está repleto de elementos velados, dentre eles, os que remetem às ofensas e que não são percebidos, muitas vezes, pelos próprios falantes. De modo geral, o ensino de línguas estrangeiras (doravante LE) deve considerar tais implícitos para que aprendizes dessas línguas adquiram competência intercultural em suas interações com outros falantes de LE.

2.4. Interculturalismo

O Interculturalismo é uma área de estudos relativamente recente e que, como ressaltava Meyer (2013, p. 13), “não é específico dos estudos linguísticos”. Sua origem está associada a uma demanda por parte da Educação e dos Negócios, já que há algumas décadas as relações entre representantes de países distintos têm se intensificado. O processo de globalização alterou as relações internacionais e, nesse sentido, adquirir uma postura intercultural é fundamental.

Hofstede (2001), em sua teoria, apresenta cinco categorias de análise cultural. Através de sua pesquisa em empresas multinacionais, sua contribuição teórica possibilita a análise, ainda que de modo generalizante, das representações culturais de cada país. Hofstede (2011) aponta seis dimensões pelas quais podemos categorizar países e suas respectivas culturas. As categorias apresentadas são Hierarquia, Individualismo, Masculinidade, Evitação de Incerteza, Orientação de Longo Prazo e Indulgência, aplicadas numa escala de zero a cem pontos.

Segundo o autor, a categoria hierarquia está associada a uma relação desigual entre indivíduos com maior e menor grau de poder. Para ele,

[e]ssa dimensão expressa o grau em que os membros menos poderosos de uma sociedade aceitam e esperam que o poder seja distribuído de forma desigual. A questão fundamental aqui é como uma sociedade lida com as desigualdades entre as pessoas. Pessoas em sociedades que exibem um alto grau de **hierarquia** aceitam uma ordem hierárquica na qual todos têm um lugar e que não precisa de mais

justificativas. Em sociedades com baixa **hierarquia**, as pessoas se esforçam para equalizar a distribuição de poder e exigem justificativas para as desigualdades de poder. (HOFSTEDE, 2020, s/p, tradução nossa⁷)

A “hierarquia” está bastante presente em culturas de alto contexto, pois é nessas culturas que os indivíduos apresentam aceitação em relação às posições sociais que ocupam social e economicamente.

Dentro dessa perspectiva, Hofstede (2020) indica que o Brasil apresenta sessenta e nove pontos nesse aspecto, ou seja, para a cultura brasileira, de forma geral, a “hierarquia” deve ser mais respeitada e as desigualdades entre os indivíduos são vistas como um processo mais naturalizado, apesar de haver frequentes mobilizações em relação às desigualdades, principalmente as advindas das redes sociais. Os brasileiros em geral têm consciência de que vivem em uma sociedade desigual, mas não conseguem romper esse distanciamento socioeconômico entre os mais abastados e os menos favorecidos.

Esse distanciamento de poder entre os falantes está tão presente na cultura brasileira que há uma tendência de ampliar o uso lexical de expressões de “hierarquia” até nos momentos mais descontraídos em que não há vínculos hierárquicos, propriamente ditos, entre os interlocutores. Um exemplo bem marcante é a forma como pessoas que estão em um posto de gasolina chamam um frentista de “meu patrão” ou de “chefia”, quando não há qualquer tipo de vínculo empregatício entre eles.

Para Hofstede (2020), o “individualismo” está diretamente ligado ao sentimento de não pertencimento a um grupo, ou seja, a valores individuais. Nas sociedades mais individualistas, há o dever de cuidar de si e dos familiares mais próximos. Nas sociedades mais coletivistas, as pessoas vinculam-se a grupos mais amplos e estabelecem com eles uma relação de proteção, cuidado e troca de favores. O Brasil apresenta trinta e oito pontos nessa escala, o que sugere uma forte influência da coletividade, de vínculos entre grupos. Pode-se estabelecer uma associação com os conceitos “casa” e “rua”, como visto anteriormente.

⁷ “This dimension expresses the degree to which the less powerful members of a society accept and expect that power is distributed unequally. The fundamental issue here is how a society handles inequalities among people. People in societies exhibiting a large degree of Power Distance accept a hierarchical order in which everybody has a place and which needs no further justification. In societies with low Power Distance, people strive to equalise the distribution of power and demand justification for inequalities of power” (HOFSTEDE, 2020, s/p).

A categoria “masculinidade” está associada a valores como competitividade, sucesso e conquista. Quanto maior o índice de masculinidade de uma sociedade, mais focada será em alcançar status, dinheiro e sucesso. A exemplo disso, a sociedade brasileira apresenta quarenta e nove pontos, o que revela como essa cultura se comporta em relação a conquistas ligadas aos campos profissional e econômico.

Em sociedades com alto grau de “evitação de incerteza”, os indivíduos tendem a evitar situações ambíguas, que gerem mais de uma significação, ou que não sejam tão previsíveis, pois são situações lidas como desconfortáveis. Nesse sentido, o papel das regras, leis e normas é fundamental para que se mantenha o equilíbrio social. O autor ainda aponta que essas normas conduzem a vida da coletividade, mas têm forte influência no âmbito individual, na maneira como as pessoas conduzem suas próprias vidas, mesmo que elas não sigam essas regras constantemente. O Brasil apresenta setenta e seis pontos nessa categoria, o que indica um alto nível de evitação de incertezas.

A categoria “orientação de longo prazo” ressalta a visão que as culturas têm em relação ao seu passado, presente e futuro. Hofstede (2020) aponta que esse aspecto indica o quanto cada sociedade está disposta a perceber suas tradições e percepções sobre as mudanças que ocorrem ao longo do tempo. Assim, sociedades com pontuação alta nesta categoria tendem a estar mais dispostas a mudanças do que sociedades com pontuação baixa. A cultura brasileira apresenta quarenta e quatro pontos, o que a coloca numa posição intermediária, ou seja, há certos avanços em direção à inovação em determinadas áreas, mas ainda há forte pressão para que certas tradições e modos de organização social, cultural, religiosa, entre outras sejam mantidas.

A categoria “indulgência” vincula-se aos impulsos individuais. Quanto mais indulgente uma cultura é, mais ligada à diversão, positividade e a enxergar a vida mais positivamente ela será. Por outro lado, sociedades mais restritas tendem a enxergar a vida com mais seriedade e o lazer não possui tanto espaço como nas culturas indulgentes. O Brasil, segundo o modelo de Hofstede (2020), apresenta cinquenta e nove pontos, o que o coloca como um país indulgente, ou seja, onde há maior predileção pelo prazer, diversão e descontração.

2.5.

Conceitos de análise

Ao longo deste capítulo, abordamos diversos pontos teóricos que servem de base para nossa análise.

Os dois primeiros conceitos importantes são “proximidade” e “distanciamento”, conforme tratamos as relações de “casa” e “rua” nos dados analisados. Entender como funcionam essas aproximações, ampliações e afastamentos mostra-se fundamental para que os dados sejam melhor esclarecidos.

Da Pragmática, extraímos o conceito de “impolidez”, pois está presente em todas as palavras, termos e expressões de ofensa. Ainda é válido ressaltar que a teoria da polidez, na sua proposta inicial, não seria capaz de explicar as nuances das ofensas apresentadas neste trabalho.

Da área da Lexicultura, utilizamos as categorias de ofensa de cunho “sexual”, “social” e “moral”, introduzidas por Carretero (2011), e acrescentamos três novas categorias: “física”, “mental” e “comportamental”. Além disso, separamos os graus de ofensa em três níveis: “alto”, “moderado” e “leve”.

Do Interculturalismo, usamos a categoria hierarquia, a fim de compreendermos se há diferenças nos insultos quando há um nível específico de subordinação entre os interlocutores.

2.6.

Metodologia

A metodologia adotada neste trabalho é de natureza qualitativa, interpretativa e de base etnográfica.

A pesquisa qualitativa, segundo as palavras de Lüdke e André (1986, p. 11), “supõe o contato direto e prolongado do pesquisador com o ambiente e a situação que está sendo investigada”. Nesse sentido, reforça-se a interação entre o autor e os dados coletados, tendo em vista a proximidade contextual entre eles. Além disso, esses autores apontam que tais dados são “predominantemente descritivos”, por isso não é nossa intenção trabalhar as informações de modo quantitativo, pela própria natureza dos objetos investigados.

Outro ponto importante, dentro dessa perspectiva de pesquisa, é a relevância que os sentidos são atribuídos às ocorrências pelos interlocutores. Por fim, “a

análise dos dados tende a seguir um processo indutivo” (LÜDKE; ANDRÉ, 1986, p. 11), o que indica um processo em que não há intenção de se buscar evidências que confirmem hipóteses estabelecidas previamente.

A pesquisa qualitativa aqui empreendida apresenta natureza interpretativa, uma vez que os dados coletados, para serem compreendidos na sua essência e no seu uso, necessitam da análise e, conseqüentemente, da interpretação do pesquisador, pois situam-se em diferentes arranjos comunicacionais.

A abordagem etnográfica caracteriza-se, segundo Lüdke e André (1986), a partir de uma perspectiva na qual o comportamento humano não pode ser compreendido sem se observar o contexto em que ocorre. Desse modo, é preciso buscar formas de encontrar meios de entender os significados dos comportamentos humanos, sem deixar a objetividade durante a observação. O pesquisador, dentro dessa abordagem, assume dois papéis, concomitantemente: pesquisador e participante. Essa postura deve-se em função das necessidades de se entender o objeto da pesquisa e como ele está presente nas relações sociais.

Neste trabalho, consideramos o grupo dos evangélicos como um grupo a partir da perspectiva da Etnografia, tendo em vista suas características internas de organização, costumes, ritos, modo de falar, de vestir e de se portar socialmente.

Os dados apresentados nesta dissertação foram coletados entre os meses de maio e junho de 2020. Utilizamos algumas das redes sociais mais utilizadas, como *Twitter* e *Facebook*, para a coleta de textos autênticos em Português do Brasil, visto a necessidade de se observar os reais usos de palavras e expressões de ofensa utilizados nos grupos sociais da religião evangélica, expressões essas que, como veremos, se originam dos textos bíblicos. Nesse sentido, é fundamental destacar que os exemplos apresentados não foram adaptados e/ou corrigidos conforme as regras normativas da língua, a fim de que fossem preservados tais como foram escritos originalmente.

A escolha das redes sociais deu-se em virtude da existência de ocorrências espontâneas já registradas por escrito; a possibilidade de gravação de ocorrências de uso oral espontâneo de mesmo tipo foi descartada, já que seria necessário um elevado número de horas de gravação. Leve-se em conta a curta duração do curso de mestrado, o que reduziria as chances de se obter uma pesquisa satisfatória.

Os dados são apresentados com base em seus significados. A análise desenvolvida demonstrou que eles deveriam ser divididos em seis categorias: física, sexual, social, moral, comportamental e mental.

Ao final, elaboramos uma tabela (Apêndice) com as seguintes colunas:

- Referência bíblica;
- Usos;
- Significado;
- Grau de ofensa: leve, moderado e grave;
- Categorias: física, sexual, social, moral, comportamental e mental.

Utiliza-se a estrutura livro bíblico + número do capítulo: número do versículo (Gênesis, 1:1, por exemplo), para referenciar os excertos retirados da Bíblia.

Para garantir o anonimato dos emissores dos enunciados colhidos e analisados, seus usuários foram apagados e a rede social onde cada um, individualmente, foi colhido foi ocultada.

Por utilizarmos dados coletados na internet sem identificarmos os autores das postagens, não foi necessário consultar a Comissão de Ética. Nesse sentido, o anonimato de todos os envolvidos está garantido. A editoração dessa dissertação segue o padrão exigido pela CCPG da PUC-Rio ([2001] 2020)⁸.

⁸ Disponível em: <http://www.puc-rio.br/ensinopesq/ccpg/apresentacao_ted.html>. Acesso em: 04 mar. 2021.

3

Análise de dados

Para esta análise, utilizamos os seguintes parâmetros, abaixo apresentados: Referências bíblicas; Usos; Significados; Graus de ofensa e Categorias. Esses parâmetros norteiam toda a análise e interpretação de dados. Os dados analisados nesta seção estão disponíveis na tabela apresentada no Apêndice.

- **Referências bíblicas:** as referências permitem as localizações exatas das expressões e palavras de ofensa através dos livros e versículos bíblicos. Além disso, um mesmo termo pode aparecer em mais de um versículo e/ou livro. Ressaltamos que, apesar de haver diferentes traduções e versões do texto bíblico, as ocorrências registradas foram, em suma, colhidas no *Dicionário da Bíblia de Almeida* (KASCHEL; ZIMMER, 1999) e em website de Bíblia online, por ser de fácil acesso. Destaca-se que a Bíblia consultada no âmbito online foi a Bíblia Almeida Revista e Atualizada (SOCIEDADE BÍBLICA DO BRASIL, 1993);
- **Usos:** nesta seção, estão indicadas as relações de interação entre quem profere as ofensas e aqueles que as recebem, considerando-se níveis de hierarquia e proximidade nessas interações. O foco é identificar o alvo das ofensas, ou seja, a quem são direcionadas. Tendo isso em vista, encontramos interações entre os seguintes atores: pastor, pessoa religiosa, qualquer pessoa. Consideramos pastor todo aquele indivíduo que possui algum cargo eclesialístico em qualquer denominação evangélica. A hierarquia é vista em alguns casos e a partir das relações de interação entre pastor, pessoa pública, pessoa religiosa e qualquer pessoa;
- **Significados:** os significados apresentados incluem definições bíblicas, tanto as registradas no *Dicionário da Bíblia de Almeida* (KASCHEL; ZIMMER, 1999) quanto as compreendidas pelo contexto, de acordo com o texto bíblico. Os significados estão associados a comportamentos considerados inadequados, sob a perspectiva bíblica;
- **Graus de ofensa:** as palavras e expressões estão classificadas quanto ao grau de ofensa por apresentarem uma variação entre leve,

moderado e grave, já que são usadas em situações específicas e podem ser percebidas como mais ou menos ofensivas;

- **Categorias:** As categorias apresentadas são fundamentais para compreendermos o direcionamento das palavras e termos de ofensa no uso real da língua. Elencamos seis categorias recorrentes em relação ao uso de termos ofensivos no âmbito cristão, são elas: física, sexual, social, moral, comportamental e mental.

Apontamos então, a seguir, os casos apresentados em cada parâmetro de análise. Como em alguns parâmetros são muitos os exemplos encontrados, vamos listar aqui dois exemplos de cada um, por serem mais recorrentes nas interações entre religiosos. A totalidade dos dados colhidos encontra-se no Apêndice.

3.1. Referências bíblicas

A Bíblia é um conjunto de textos sagrados para o Cristianismo⁹ e é dividida em duas partes: Velho Testamento, que ressalta basicamente o relacionamento entre Deus e o povo de Israel, e o Novo Testamento, que abarca os ensinamentos de Jesus. Nesse sentido, a partir do parâmetro de referências bíblicas, pode-se perceber o amplo uso de palavras de ofensa nos dados obtidos, palavras essas retiradas de ambos os testamentos. Isso mostra como essas expressões estão presentes no âmbito lexical cristão e como elas têm influência sobre o linguajar evangélico.

3.1.1. Apóstata

Na Bíblia Almeida (1993), o termo “apóstata” apresenta mais de uma ocorrência nos livros Jeremias, 1ª e 2ª Cartas a Timóteo e significa “aquele que nega e/ou abandona a fé cristã (infel)” (KASCHEL; ZIMMER, 199, p. 25).

O texto bíblico, em toda sua extensão, apresenta tanto o discurso direto quanto o indireto. Em diversas passagens, é possível perceber a presença de ambos os

⁹ O cristianismo é uma religião monoteísta, em que a figura central é Jesus Cristo e seus seguidores são chamados de “cristãos”. Entretanto, ressaltamos que este grupo é bastante diverso, principalmente em relação ao segmento evangélico, que tem características muito singulares em relação às questões comportamentais, éticas, entre outras.

tipos. Isso reforça que as palavras de ofensa podem ser proferidas não só pelos homens, mas também pela própria entidade divina, ainda que de forma indireta, o que ressalta o aspecto natural desse uso.

No Velho Testamento, por exemplo, o profeta Jeremias lança uma profecia sobre o povo de Israel: “Por que, pois, se desvia este povo de Jerusalém com uma apostasia tão contínua? Persiste no engano, não quer voltar” (JEREMIAS 8:5). No trecho em questão, apesar de não se utilizar a forma adjetiva, o uso do substantivo possibilita a caracterização do povo israelita como apóstata e a insatisfação divina naquele momento.

Vejamos a ocorrência encontrada nas redes sociais:

Exemplo 1: “Por essas e outras @não identificado q sua igreja atrofia e vc será modelo para milhões perderem a fé por ver em vc um pessimo modelo jogando pessoas contra pessoas e tudo pelo poder. **Apostata** da fé.” (grifo nosso).

No exemplo acima, pode-se perceber que o uso da expressão “apóstata” foi direcionado a um líder religioso de grande relevância no cenário evangélico brasileiro. Nesse contexto, também é possível perceber que a ofensa só consegue produzir significado se o seu alvo tiver vínculo à religião cristã, ou seja, o destinatário precisa ser necessariamente cristão, tendo em vista o sentido da ofensa.

É possível perceber o elevado grau de ofensividade desse termo no contexto cristão, já que ser chamado de apóstata significa negar a fé cristã, o que seria totalmente contraditório aos preceitos bíblicos. Por isso, dentro da classificação de ofensividade, o termo apóstata é considerado grave (Cf. tabela no Apêndice).

Em relação à categoria, consideramos que a ofensa tem cunho moral, dentro dos preceitos cristãos, e que considerar alguém como apóstata é ameaçar a face positiva dessa pessoa, que está relacionada ao desejo de se ter a autoimagem apreciada por outras pessoas. No trecho exemplificado, é possível perceber a estratégia de impolidez positiva, que provoca dano à face positiva do destinatário. Não há, a princípio, um equivalente linguístico à apóstata no léxico de ofensa em português brasileiro.

Um ponto importante a ser destacado é em relação à hierarquia. Geralmente, a apostasia está diretamente relacionada a pessoas hierarquicamente superiores, tendo em vista sua maior visibilidade. Não raras são as ofensas a pastores renomados e nacionalmente conhecidos, não só por outros pastores de menor

visibilidade, numa relação mais igualitária em termos de função eclesiástica, como também de fiéis para pastores, onde há uma distância hierárquica.

3.1.2. Árvore infrutífera

As metáforas feitas a partir de elementos da natureza estão frequentemente presentes na Bíblia e são apresentadas de diversas formas, tais como luz do mundo, sal da terra entre outras. A expressão “árvore que não dá frutos (infrutífera)”, por exemplo, aparece somente no Novo Testamento, nos livros de Marcos (4:19) e Mateus (7:19).

Esse termo compreende duas possibilidades de interpretação: esterilidade sexual e moral. No que tange à questão sexual, tanto uma mulher quanto um homem ser chamado de infrutífero significa não ter a possibilidade de gerar filhos. Dentro do ambiente cristão, valores como a família são pilares e, conseqüentemente, a geração de filhos é um dos mais relevantes. Em relação aos graus de ofensividade,

Em Judas 1:12, o apóstolo faz uma exortação à igreja da época, referindo-se a ela como árvore infrutífera, ou seja, uma igreja que não gera frutos, não é vívida: “[...] são como árvores murchas, *infrutíferas*, duas vezes mortas, desarraigadas” (grifo nosso). O mesmo uso pode ser percebido no seguinte exemplo extraído dos dados coletados:

Exemplo 2: “Tu és apenas um filho de satanás, seguido por um bando de idiotas úteis, nao serve pra nada, uma **árvore infrutífera** que logo vai muchar.” (grifo nosso).

A expressão acima foi direcionada a uma pessoa pública e de grande notoriedade nas redes sociais com o objetivo de desprezar, diminuir a fama e o sucesso do destinatário, diferentemente do tom usado na Bíblia, que é voltado para a exortação e para a correção de um determinado comportamento considerado inadequado. O destinatário fez uma postagem em que se apresenta como o maior perfil de engajamento contra um político específico, o que o fez receber muitas críticas e ofensas, como a apresentada neste exemplo.

No segundo exemplo analisado, observa-se, ainda, a presença de mais dois termos ofensivos: “filho de satanás” e “bando de idiotas”, sendo que o primeiro é

um tipo de ofensa usada, principalmente, por evangélicos e o segundo tende a ser utilizado por todos, independentemente da religião professada e, portanto, sem teor religioso.

Como vimos nos dois exemplos, os termos podem aparecer nos dois testamentos, o que é mais um indício da presença de expressões, tanto no Velho quanto no Novo Testamento, que podem ser ressignificadas e empregadas para ofender ou desprezar alguém.

Quando usadas para ofender, essas expressões tendem a ser intensificadas por outros elementos contextuais. Dessa forma, percebe-se que, em ambos os casos, as expressões são reforçadas por outras palavras de ofensa, sejam bíblicas ou não.

Reiteramos que as referências bíblicas são determinantes para que haja ressignificação de determinados termos, que podem servir, como já demonstrado, aos propósitos de ofender, xingar, diminuir ou desprezar alguém.

3.2. Usos

As palavras de ofensa são sempre dirigidas a uma pessoa ou a um grupo de pessoas. Quem profere tais termos nem sempre está em relação de igualdade com seu destinatário e isso permite uma análise mais atenta em relação aos usos dessas expressões, principalmente quanto aos indivíduos/grupos de indivíduos a quem são destinadas.

Os usos se diferem porque há nuances específicas, a depender de quem emite a ofensa e de quem a recebe. Dentro desse cenário, utilizam-se basicamente três tipos de nomenclaturas para categorizar as pessoas envolvidas em cada uso, como já abordamos no início deste capítulo: pastor, pessoa religiosa e qualquer pessoa.

3.2.1. Gadareno

No texto bíblico, o termo “gadareno” é um adjetivo pátrio, usado para identificar um habitante da cidade de Gadara. No entanto, através dos relatos presentes em Mateus 8:28-34, Marcos 5:1-20, e Lucas 8:26-39, a história de um

cidadão gadareno possuído por entidades malignas é suficiente para que esse termo passe a ter conotação negativa.

Vejamos o exemplo a seguir:

Exemplo 3: “Filho das trevas, **seu gadareno**, fogo de Belial.” (grifo nosso).

A expressão em negrito foi usada por uma pessoa qualquer e direcionada a uma pessoa pública, por discordâncias de cunho político. Nesse caso, o uso se expande e ultrapassa o contexto religioso. É importante destacar que o destinatário, ou seja, a pessoa a quem tal termo é direcionado, não precisa necessariamente ser evangélico.

Esse exemplo inclui ainda duas outras expressões ofensivas, quais sejam, “filho das trevas” e “fogo de Belial”. Ambas são encontradas na Bíblia e estão presentes no léxico evangélico. O uso do pronome “seu” é muito frequente no tratamento a pessoas mais velhas. No entanto, quando usado no contexto de ofensa, seu uso tende a reforçar o adjetivo de conotação negativa que o sucede, como em: seu cretino, sua pilantra, seu cafajeste, entre outros.

É relevante destacar que a ocorrência da estrutura seu + nome próprio é equivalente a uma forma de tratamento, em geral, respeitosa. Por outro lado, quando há ocorrência da forma seu + adjetivo, percebe-se que há intensificação do adjetivo, seja ele de valor positivo ou não.

3.2.2. Mercador da fé

O ato de se utilizar da fé em benefício próprio aparece na 2ª Carta aos Coríntios 2:17: “[a]o contrário de muitos, não negociamos a palavra de Deus visando lucro; antes, em Cristo falamos diante de Deus com sinceridade, como homens enviados por Deus”. Na versão da Bíblia Britânica (SOCIEDADE BÍBLICA BRITÂNICA e ESTRANGEIRA, 2020), é utilizada a expressão “mercadejar a palavra de Deus”. No contexto bíblico, a expressão já é usada para fazer referência a pastores/líderes religiosos que vendem indulgências, cobram dízimos e ofertas, de modo exacerbado, e exploram a fé alheia para angariar recursos financeiros para si, ou seja, utilizam seus cargos eclesiásticos para benefício próprio.

Vejamos o exemplo extraído das redes sociais:

Exemplo 4: "Pilantra Safado **mercador da fé**, troca esse disco seu filho do cão. Pastor de merda raivoso, tá sempre com ódio, que deus é esse que tu segue, o Mamom??? Seu lixo que só sabe fazer vergonha, Safado enganador de trouxas." (grifo nosso).

No caso acima, o uso foi direcionado a um líder religioso e só pode ser direcionado a esse grupo específico, assim como o exemplo 1 - apóstata, em que o termo empregado é restrito a pessoas evangélicas.

Dentro do ambiente evangélico, as autoridades eclesiais exercem enorme poder e influência na vida dos demais membros pertencentes àquela entidade religiosa. Quando atuam de forma imprópria, dentro dos preceitos bíblicos, e são descobertos, são cobrados socialmente¹⁰.

Como essas autoridades são, na visão dos membros pertencentes àquela comunidade religiosa, constituídas pelo Deus bíblico, as insatisfações e questionamentos frequentemente vêm de fora desse ambiente, por meio de notícias em sites dedicados¹¹ ou não.

Em relação à hierarquia, essa ofensa tem destinatários muito bem especificados: pastores e autoridades eclesiais, de modo geral. Eles são seus principais alvos, o que reforça a hipótese de que há distinções, em alguns casos, hierárquicas, restringindo o alcance de determinadas ofensas a esse público.

3.3. Significados

Os significados compõem um aspecto fundamental de todas as línguas naturais. No contexto bíblico, há diversas passagens em que os significados são fundamentais para se compreender a história dos personagens. Há casos em que o

¹⁰ É importante ressaltar que há uma característica cultural subjetiva, pouco perceptível, de que todos os erros e atitudes inadequadas aos evangélicos são problemas a serem resolvidos pela entidade divina, o que retira grande parte da responsabilidade dos membros da igreja em prol da boa convivência. Não raros são os casos em que depois de um escândalo com perdas e afastamentos de cargos, há um abafamento da situação e assim que o caso cai no esquecimento coletivo, seus alvos retornam aos seus respectivos antigos postos e cargos, como se nada tivesse acontecido.

¹¹ Há diferentes portais e sites que noticiam fatos e acontecimentos do meio cristão/evangélico, incluindo os bastidores e muitos escândalos de igrejas, cantores e pastores de renome do cenário evangélico brasileiro.

nome antecede a história, mas também há casos em que o decorrer da história aponta para um sentido novo, associado aos acontecimentos anteriores.

Em geral, os nomes próprios são as principais palavras que carregam significados específicos: Davi (amado), Rafael (Deus curou), Pedro (pedra ou rocha), entre outros. Além disso, os significados podem apresentar valores positivos ou negativos.

3.3.1. Penina

Um desses exemplos é o nome Penina, que é apresentado em 1º Samuel 1:2: “E este tinha duas mulheres: o nome de uma era Ana, e o da outra *Penina*. E Penina tinha filhos, porém Ana não os tinha” (grifo nosso). Seu significado original está associado à pedra preciosa, no entanto, Penina é conhecida por agir de modo provocativo, já que era fértil e podia gerar filhos de seu esposo Elcana. Ana, também esposa de Elcana, por outro lado, não conseguia engravidar, o que era motivo de chacota e ofensas por parte de Penina.

Exemplo 5: “**Penina** não se meta pq não fiz filho cntg amada” (grifo nosso).

No caso acima, o nome “Penina” foi utilizado para ofender e fazer referência indiretamente a uma mulher que se envolve com o pai de uma criança e que, por isso, a mãe biológica deixa de reivindicar os direitos de seu filho. Como o proferimento foi através de um retuíte, ou seja, quando alguém compartilha um tuíte alheio, e pelo fato de o verbo estar conjugado na 1ª pessoa do singular, pode-se inferir que quem retuitou a postagem, provavelmente vivencie esse tipo de situação, no papel de Ana.

No exemplo acima, uma mulher dirige-se à atual mulher de seu ex-marido. Ao chamá-la de Penina, percebe-se que provavelmente a última vem mantendo uma atitude hostil em relação à primeira. No entanto, esta pontua que o atributo da personagem bíblica, qual seja, gerar filhos, não se aplica a esta nova relação do seu ex-esposo e que, portanto, ela não teria o direito de desmerecê-la.

Vale ressaltar que o significado não é tão claro para os não iniciados no texto bíblico, o que pode indicar um uso mais recorrente por pessoas que conheçam a história bíblica.

3.3.2. Judas

Diferentemente do exemplo anterior, o nome Judas é popular e recorrente, o que o torna um dos mais conhecidos da Bíblia. Seu significado está associado ao ato de traição praticado por um dos 12 discípulos de Cristo, conforme descrito em Marcos 3:19: “E a *Judas* Iscariotes, o que o entregou”; em Lucas 6:16: “[...] e *Judas* Iscariotes, que foi o traidor”; e em Mateus 10:4: “[...] e Judas Iscariotes, aquele que o traiu” (grifo nosso).

Em todas essas ocorrências, “Judas” é seguido de apostos explicativos que ressaltam sua característica mais marcante: traidor. Além disso, é possível perceber que o ato da traição passou a determinar seu significado, de tal forma que um nome próprio se transforma em um nome comum. Esse termo é bastante conhecido, até por quem não professa a fé cristã, por estar ligado não só à traição, mas por esta ser direcionada a Jesus, o filho de Deus, o que é um agravante no contexto religioso cristão.

No exemplo, a seguir, vemos o uso produtivo dessa expressão nas redes sociais, o que pode ser um indicativo de amplo uso nas interações em língua portuguesa.

Exemplo 6: “Mesmo com Jorge Jesus ter se tornado **Judas** e nos traído eu to ILUDIDO com a possível volta dele para o Flamengo, SIM.” (grifo nosso).

A expressão foi direcionada a uma pessoa pública, no caso, a Jorge Jesus, ex-técnico do Flamengo que trouxe muitas vitórias e alegrias aos rubro-negros. No entanto, a partir do momento em que ele deixa o Flamengo e assume o cargo de técnico em outro time, passa a ser visto como traidor pela torcida flamenguista, como no exemplo acima.

É possível perceber, ainda, que não há necessidade de essa palavra ser proferida por ou direcionada a alguém pertencente ao ambiente evangélico. Seu uso é amplo e irrestrito, o que o torna bastante produtivo linguisticamente.

Nos dois exemplos demonstrados, os usos mostraram-se diferentes no que tange aos emissores e destinatários das palavras de ofensa, o que ressalta as especificidades dessas palavras no contexto interacional. Por isso, esta análise leva em consideração essas e outras nuances presentes nesses termos.

3.4. Graus de ofensa

As ofensas fazem parte da rotina linguística dos falantes, sejam religiosos ou não, o que possibilita a análise e descrição desse grupo de palavras. No entanto, a depender dos fatores envolvidos, podem-se perceber níveis diferentes de ofensa. Os dados coletados apresentam três tipos de grau de ofensa: leve, moderado e grave.

3.4.1. Filho pródigo

A história do filho pródigo é uma das mais conhecidas no meio evangélico. É bastante frequente nos cultos de doutrina e nas pregações, principalmente porque possui um caráter corretivo e de compaixão.

Situada em Lucas 15:11-32, a parábola contada por Jesus revela a história de um fazendeiro que tinha dois filhos. O mais novo tinha um comportamento mais rebelde e pediu a sua parte da herança para viver os prazeres da vida, enquanto o irmão mais velho continuava na fazenda. Passado algum tempo, o filho mais novo retorna sem dinheiro e pede abrigo ao pai, que o recebe com um banquete, deixando o irmão mais velho enciumado, pois nunca recebera um banquete, mesmo estando ao lado do pai durante toda a vida.

Exemplo 7: "Então em um culto quase que feito especialmente para mim na congregação onde cresci, voltei para Jesus, festa no céu, um pecador se arrependeu, o **filho pródigo** retornou aí lar, foi uma festa, virei o troféu ex gay daquelas igreja, todos queriam me conhecer +" (grifo nosso).

No exemplo acima, o autor do tuíte é também o destinatário da expressão ofensiva. Ser considerado ou chamado de filho pródigo pode apresentar dois significados: espiritual e financeiro. Em relação ao aspecto espiritual, o termo é usado para se referir a pessoas desviadas que voltam a frequentar a igreja, e em

relação ao aspecto financeiro, quando alguém gasta demais e se arrepende depois, ou volta para a casa dos pais por problemas financeiros.

Nesse caso, não é considerado um termo nem moderado, nem grave, já que tende apenas a ressaltar um aspecto comportamental inadequado, em tese, pois sua tentativa de sair da supervisão do pai trouxe somente situações negativas a ele, o que o fez recorrer ao pai (Deus) e retornar ao lar (igreja evangélica).

3.4.2. Herege

No texto bíblico, não foram encontradas ocorrências do termo herege. Em contrapartida, sob a forma do substantivo abstrato heresia, há ocorrências em Gálatas 5:20, 1ª Carta aos Coríntios 11:19 e 2ª Carta de Pedro 2:1. Em linhas gerais, a palavra herege se refere à qualquer pessoa que comete/professa doutrina contrária ao que foi estabelecido pela Igreja como dogma. Em todos os versículos, é possível perceber o uso negativo atribuído a esse termo, tendo em vista o contexto que reforça esse sentido. As palavras que o acompanham, no contexto, fazem referência a pecados e condutas inadequadas aos cristãos.

Nas redes sociais, encontramos esse termo com bastante frequência, o que sugere seu amplo uso. Vejamos um dos exemplos encontrados:

Exemplo 8: "Uma apóstata! **Herege!!!!** Deus não terá-la como inocente!" (grifo nosso).

Nesse exemplo, a ofensa foi dirigida a uma pessoa pública e cristã, como resposta a um vídeo em que seu destinatário diz coisas com as quais a pessoa que escreveu tal publicação não concorda e acha que não condiz com a postura cristã. Essa expressão, por estar associado à crença e à negação de sua prática, só pode ser direcionada, assim como o termo apóstata, visto anteriormente, a pessoas que sigam um mesmo credo. Percebe-se, também, que há um desnível de hierarquia pressuposto nessa ofensa, visto que muitos líderes e pastores religiosos são alvos desses ataques, tanto de seus membros quanto de seus pares

Tal termo é considerado moderado, dentro da classificação apresenta-se como uma ofensa de nível moderado, tendo em vista que sua percepção sob o ponto de

vista da religião não é tão perceptível, tanto que há outra expressão para se referir a essas pessoas como falsos profetas. Ser herege é ter o pleno conhecimento a respeito das regras e condutas esperadas pelo ambiente religioso e, ainda assim, não as seguir.

3.4.3. Eunuco

A expressão “eunuco” refere-se, historicamente, a homens castrados que tinham a função de guardar/proteger as mulheres sob a autoridade de um determinado rei. Na Bíblia, há diversas passagens que mencionam essa expressão: Mateus 19:12, Atos 8:38, Daniel 1:9, entre outras.

Os eunucos são reconhecidos por se absterem sexualmente. Isso amplia a percepção de que havia homens que não se casavam e serviam na proteção e nos cuidados estéticos de mulheres.

No entanto, esse termo pode ser usado para ofender alguém do sexo masculino, quando este não atende a critérios estabelecidos socialmente no que diz respeito à figura masculina na contemporaneidade, na tentativa de diminuí-lo ou inferiorizá-lo em relação a outros homens. Atualmente, esse termo indica um indivíduo impotente física, intelectual e/ou espiritualmente, a depender do contexto empregado.

Exemplo 9: “[...] O problema é que para aprender qualquer coisa precisa ter cérebro, e sabemos que você nasceu desprovido de um, seu **eunuco** mental!” (grifo nosso).

O termo “eunuco” foi usado para ofender uma pessoa pública em relação ao seu nível intelectual. A expressão “mental” associada à palavra “eunuco” possibilita ênfase e nuance específica a essa característica. Percebe-se que esse uso tem relação direta com o aspecto mental, o que intensifica o grau de ofensividade no contexto dado. Portanto, essa expressão é considerada como grave, dentro dos critérios estabelecidos neste trabalho.

Nos três casos, podemos perceber que a gravidade das ofensas é uma variável a ser considerada na análise de palavras ofensivas, pois podem ser menos ou mais agressivas, a depender dos emissores, destinatários ou do contexto em que são

utilizadas. Essa percepção é importante para que sejam esclarecidas algumas dúvidas em relação ao nível de ofensividade e apesar de ser uma classificação totalmente arbitrária, a categorização nos três níveis possibilita observar as especificidades de cada termo e seus respectivos usos.

3.5. Categorias

As categorias descritas abaixo indicam os tipos de ofensa aplicados neste trabalho e servem para que haja um maior esclarecimento a respeito das nuances de cada expressão e/ou palavra.

3.5.1. Física

Palavras e expressões agrupadas nesta categoria fazem menção a deficiências e características físicas dos alvos, vistas de modo negativo por quem as emite.

3.5.1.1. Cego de Jericó

A história de Bartimeu, também conhecido como o “Cego de Jericó”, aparece no livro de Marcos 10:46. Apesar de não ser tão detalhada, a narrativa bíblica indica que em sua última viagem à cidade de Jerusalém, Jesus ouviu o clamor de um homem cego que lhe gritou para que tivesse compaixão de sua situação precária. Bartimeu vivia pedindo esmolas, talvez por sua deficiência visual, na cidade de Jericó. Sua narrativa é bastante utilizada no meio cristão como um exemplo de perseverança e fé.

Exemplo 10: “Queima no inferno, satanista! Fariseu! Orferta de Caim! Morador de Sodoma! Leproso que não voltou pra agradecer! Jumenta de balaa. **Cego de jericó!**” (grifo nosso).

A expressão “Cego de Jericó” foi usado de forma ofensiva, pois os vocábulos e expressões que integram essa postagem são exclusivamente utilizadas para atacar e ofender. Apesar disso, tal expressão não carrega sentido negativo em si, só o contexto pode promover esse uso. Ainda a respeito do exemplo, o destinatário tinha

se colocado a favor da campanha de marketing que focava na comunidade LGBTQIA+, promovida por uma empresa de cosméticos, em uma postagem de um pastor evangélico bastante influente. Talvez, por isso, tenha recebido tais ataques verbais, o que reforça a ideia de que a hierarquia religiosa, apesar de estar presente no meio evangélico, não inibe ataques verbais.

3.5.1.2. Mão mirrada

O homem da mão mirrada é uma personagem bíblica que aparece em diversos livros e versículos, como Mateus 12:10, Marcos 3:1, Marcos 3:3, entre outros. Sua característica mais marcante é a deficiência física na mão. Também é uma das histórias mais conhecidas pelos cristãos, por fazer parte dos milagres realizados por Jesus Cristo ao curar a mão doente.

Exemplo 11: "Nem tem comparação. Por isso o filme não foi tao bem em bilheteria. Poderia ter faturado uns 600 milhões pelo menos. Mas né, dona Warner **mão mirrada**." (grifo nosso).

No caso acima, percebe-se que a ofensa saiu do âmbito pessoal e foi direcionada a uma empresa. A referida postagem é uma crítica de um cliente em relação à alocação de recursos financeiros voltados para o marketing de um filme. Nota-se, ainda, que o sentido provocado pela expressão “mão mirrada” apresenta uma conotação vinculada à avareza e não mais à deficiência física.

Em nenhum dos casos, apesar de a expressão ser associada a deficiências físicas, houve o intuito de atacar alguém por sua aparência. No exemplo 3.5.1.1, a expressão “Cego de Jericó” culmina sucessivas ofensas, de vários tipos: físico, moral, comportamental, entre outros. No exemplo 3.5.1.2, a expressão “mão mirrada” assumiu um sentido totalmente inesperado, associado à mesquinha.

3.5.2. Sexual

São apresentadas palavras e expressões de ofensa de cunho sexual, apesar da dificuldade dos evangélicos em lidar com esse tópico. Segundo Dantas (2010, p. 723),

[a] sexualidade, além de despertar o interesse das ciências, atrai a atenção dos pregadores que não param de mencioná-la. Paradoxalmente, aquilo que é proibido ganha destaque nos sermões. Não há silêncio nem discrição nos discursos que debatem a vida sexual dos cristãos.

Nesse contexto, percebe-se sua relevância na vida dos evangélicos

3.5.2.1. Filho de meretriz

A expressão “filho de meretriz” é uma forma equivalente às ofensas em português, em contexto não religioso, formadas pela estrutura filho de + substantivo comum, em que esse substantivo é uma palavra de baixo calão. Na Bíblia, as menções que são feitas a esse respeito são direcionadas especificamente à palavra meretriz, que carrega todo o sentido negativo da expressão. Encontramos o termo meretriz em diversas passagens, como Ezequiel 16:35, Hebreus 11:31, Lucas 15:30, Joel 3:3, entre outras.

Exemplo 12: “Este perfil odeia com todas as forças o treinador desgraçado **filho de uma meretriz** Lucien Favre, que atualmente comanda a equipe do Borussia Dortmund, [...]”

No caso acima, pode-se perceber o uso da estrutura filho de + substantivo comum, bastante comum na linguagem vulgar do português brasileiro, sendo direcionada a uma pessoa pública. A ofensa tem cunho totalmente sexual e se pensarmos no contexto brasileiro, em que a família é vista como núcleo fundamental, a figura da meretriz, apesar de estar presente direta ou indiretamente nas vivências sociais, é sempre marginalizada e inferiorizada. Logo, chamar alguém de filho de meretriz é atacar não só a honra do filho, mas também a da mãe.

3.5.2.2. Sodomita

O termo “sodomita” aparece em 1ª Carta a Timóteo 1:10, 1º Reis 15:12, 1º Reis 22:47, 1ª Carta aos Coríntios 6:10, além de outros livros bíblicos. Esse adjetivo pátrio faz referência aos habitantes da cidade de Sodoma, conhecida pelos comportamentos sexuais bastante excessivos, sob a ótica cristã. Além disso, o termo

sodomita é bastante associado à prática homoafetiva, um dos temas mais complexos e problemáticos para evangélicos.

Exemplo 13: "EU AINDA VOU TE EXPOR SEU *SODOMITA*"

O termo sodomita foi usado para responder a uma postagem de cunho homofóbico. Nesse contexto, podemos perceber o uso da estrutura seu + adjetivo, o que possibilita a formação de uma expressão usada como forma de ofensa, tendo em vista que a prática sexual associada aos homossexuais ainda é vista, por parcela da população brasileira, como imoral. Alguns setores mais radicais dessas igrejas rejeitam enfaticamente homossexualidade, o que torna essa expressão bastante produtiva no que tange à ofensividade.

As duas expressões de ofensa são de cunho sexual e, por ser essa uma temática muitas vezes evitada, as questões sexuais ainda se mostram um tabu dentro do âmbito evangélico, mais especificamente, tendo em vista o comportamento ilibado esperado de seus membros. O direcionamento dado em relação a esse aspecto é a ideia de se guardar para o casamento. Qualquer outro comportamento sexual divergente é visto como pecado, e as pessoas que são descobertas passam por frequentes humilhações, indiretas tanto do pastor quanto dos membros.

Ainda a esse respeito, não são raros os casamentos quase compulsórios por medo de os jovens, principal público em relação a esse assunto, caírem na tentação do sexo, ou, no linguajar evangélico, fornicação, que é a prática sexual antes do casamento. Essa prática é bastante recorrente e é feita, geralmente, com constrangimento e ameaças associadas ao inferno e ao diabo.

3.5.3. Social

Essa categoria descreve ofensas que atingem pessoas a partir de sua interação com o meio social em que estão inseridas.

3.5.3.1. Escarnecedor

Apesar de aparecer em outros livros e versículos bíblicos, o termo “escarnecedor” é bastante recorrente no livro de Provérbios. Encontramos diversas

ocorrências nesse livro, o que pode indicar um uso direcionado para o ensino da doutrina bíblica, principalmente em relação ao perfil esperado de uma pessoa que segue tais ensinamentos. Geralmente, esse termo aparece em oposição aos termos justo, salvo, filho da luz, filho de Deus, entre outros. Seu significado está associado a uma pessoa arruaceira, que traz confusão e brigas para o ambiente em que está.

Vejamos o uso dessa expressão:

Exemplo 14: "Ontem tive o desprazer de estar na mesma roda de **escarnecedores** onde havia um grande **escarnecedor** bebo jogando bolo de dinheiro na mesa. P onde se olhava era gente com vergonha alheia. Minha vontade era fazer uma placa " n somos amgs só temos amgs (q vou reavaliar) em comum"

O termo “escarnecedor” e a expressão “roda de escarnecedores” dão ênfase ao sentimento de repulsa de quem fez a postagem. Esses usos foram realizados para dar destaque a um comportamento considerado extremamente inadequado e repulsivo pelos evangélicos. Nesse sentido, é muito frequente o uso dessas expressões quando se quer mostrar a diferença entre quem é evangélico e quem não é, quando se quer distinguir quem será salvo do inferno e quem será condenado a ele, sempre sob a perspectiva cristã do que é certo e errado, do que é de Deus e do que não é.

3.5.3.2. Filho de Barrabás

A expressão “filho de Barrabás” não aparece no texto bíblico, apesar de possuir uma conotação bastante negativa, pois Barrabás era conhecido por crimes ligados a assaltos e roubos. A palavra que dá o tom ofensivo é o nome próprio Barrabás, que foi um dos criminosos que seriam executados na cruz. Sua história é descrita nos livros de João 18:40, Mateus 27:16, Marcos 15:11, entre outros. É importante ressaltar que ele foi absolvido de seus crimes e Jesus Cristo foi crucificado.

Exemplo 15: "**Filho de barrabas** cale- se" (grifo nosso).

A expressão “filho de Barrabás” foi direcionada a um político que tentava justificar uma agressão a um jornalista ao vivo. Não é possível inferir, pelo

contexto, se quem proferiu tal insulto quis ofendê-lo em relação ao ato de roubar ou se só foi utilizado livremente, sem vínculo efetivo com a ideia associada à referida expressão. Ainda assim, é perceptível o tom ofensivo através, também, da forma imperativa em que está o verbo calar. Nesse sentido, a pessoa que proferiu a ofensa tentou silenciar o direito de expressão do outro, por discordar dele.

Ambas as expressões sugerem que tais comportamentos são inadequados e merecem total repúdio, ainda que esse repúdio seja feito através de palavras, o que corrobora a ideia de que há algum grau de agressividade implícita no âmbito evangélico, mas que é expresso através da escrita nas redes sociais, por exemplo, e na oralidade.

3.5.4. Moral

Esta categoria descreve ofensas que atingem pessoas a partir do que é considerado moral e imoral dentro dos preceitos cristãos.

3.5.4.1. Fariseu

O termo “fariseu” está associado a um grupo de hebreus que seguiam estritamente o Pentateuco, para os cristãos, ou a Torá, para os hebreus, que são os cinco primeiros livros/pergaminhos escritos, ao que tudo indica, por Moisés, sendo eles: Gênesis, Êxodo, Levítico, Números e Deuteronômio.

No Novo Testamento, os fariseus são vistos como homens que conhecem profundamente as leis sagradas, mas que não a praticam. Então, esse termo está totalmente ligado a uma pessoa hipócrita, cujo discurso não se coaduna com suas práticas sociais.

Exemplo 16: “**Fariseu**, isso é cara de quem está pregando o Evangelho de Jesus, que traz paz e serenidade para as pessoas? Isso é cara de quem está defendendo guerra, discórdia, dor, ódio e muita, mas muita tristeza. E voce não tem como mudar isso, pois é a SUA cara.” (grifo nosso).

Essa postagem foi direcionada a um pastor de grande relevância no cenário evangélico. A crítica está justamente na relação entre a postagem do referido pastor,

que enaltecia o dia da Bíblia, e a expressão facial que ele apresenta na foto anexada à postagem, que indicava raiva e agressividade. O autor da postagem faz um relato mais detalhado em relação a essa incoerência entre o que se vive e o que se prega.

3.5.4.2. Pedra de tropeço

A expressão “pedra de tropeço” aparece nos livros de 1ª Carta de Pedro 2:8, Romanos 9:32, Isaías 8:14, entre outros. É utilizada para fazer referência a algo ou a alguém que atrapalha a execução de alguma tarefa, àquilo que impede alguém de alcançar determinado objetivo.

Exemplo 17: “Eu vejo o senhor como uma **pedra de tropeço** no caminho do desenvolvimento de um país cristão, Brasil não merece o senhor #DigaNaoAoAborto [...]” (grifo nosso).

No exemplo acima, percebe-se que a ofensa, ainda que através de uma comparação, é dirigida a alguém hierarquicamente superior e, portanto, o pronome de tratamento é aplicado, possivelmente, com o objetivo de reduzir o ataque verbal ao destinatário, que é bastante conhecido no cenário político-administrativo brasileiro. No contexto mencionado, a autoria pertence a alguém que discorda totalmente do posicionamento de tal personalidade a respeito do tema aborto, que é um dos temas mais caros aos evangélicos.

Em ambos os casos, a perspectiva moralista é predominante nessas ofensas, por estarem vinculadas a atitudes inadequadas ao que é determinado liturgicamente pelas igrejas evangélicas. Agir como um fariseu ou como uma pedra de tropeço é extremamente ofensivo para os evangélicos.

3.5.5. Comportamental

Esta categoria descreve ofensas relacionadas ao âmbito comportamental. Nesse sentido, pessoas com comportamentos inadequados são os principais alvos desses ataques.

3.5.5.1. Filho de Caim

Segundo a narrativa bíblica, Caim é fruto da união carnal entre Adão e Eva, assim como seu irmão Abel. De forma resumida, a relação entre Caim e Abel se complica quando este oferece uma oferta a Deus e esta é recusada por ele. Abel, no entanto, consegue ter sua oferenda aprovada por Deus, o que gera ciúme em Caim que consequentemente o mata, sendo enviado para terras distantes da visão de Deus. É importante ressaltar que este é o primeiro homicídio narrado na bíblia. A princípio, o sentido de chamar alguém de Caim está justamente no ato de assassinar alguém.

Exemplo 18: "Velho eu realmente me surpreendo no fato de que a gente demora dias, semanas pra conseguir alinhar os pensamentos e organizar os sentimentos daí vem um **filho de Caim** e bagunça tudo de uma vez só em questão de segundos!!!!" (grifo nosso).

No exemplo acima, vemos a utilização da expressão “filho de Caim” sendo utilizada como sinônimo de pessoa que incomoda, pessoa que gera problemas para outras. Embora a expressão, em sua essência, indique um determinado sentido, há uma ampliação semântica que possibilita sua expansão, ou seja, não é utilizada como sinônimo de assassino, mas sim, de alguém inconveniente.

3.5.5.2. Praga do Egito

As pragas do Egito são mencionadas, no Velho Testamento, no livro de Êxodo, que descreve a subserviência e o processo de libertação do povo hebreu em relação ao Egito, que era uma potência econômico-financeira à época. As pragas foram enviadas, segundo a narrativa bíblica, como sinais diretos de Deus a Faraó, que era o líder supremo dos egípcios. Por causa de sua teimosia, o povo egípcio foi castigado com dez pragas, incluindo pestes, doenças, poluição e mortes.

Vejamos um exemplo de uso dessa expressão:

Exemplo 19: "Eu vi e é exatamente por isso que eu [...] Pessoas assim tem que se [...] muito na vida, vai pra [...] sua **praga do Egito** do [...] É a quinta/sexta vez que o cara faz isso e tem pessoas que anda ficam "ah mas é porque a Ásia pipipi popopo" (grifo nosso).

O contexto indica que o termo ofensivo foi direcionado a alguém que praticou gordofobia, ou seja, alguma prática preconceituosa em relação a pessoas gordas, o que gerou a insatisfação da pessoa que fez essa postagem. Além disso, é possível perceber que alguns outros xingamentos foram ocultados em nossa exposição, embora sejam facilmente recuperados através de uma leitura atenta.

Os dois casos apresentam um potencial ofensivo relevante e ambos descrevem comportamentos rechaçados por quem realizou as ofensas, mesmo que possam ser proferidos por evangélicos ou não, já que o exemplo 19 tende a ser mais conhecido socialmente do que o exemplo 18, o que reforça ainda mais a importância da categoria comportamental como um tipo específico de ofensa.

3.5.6. Mental

Esta categoria descreve ofensas relacionadas ao âmbito psicológico/psiquiátrico dos alvos.

3.5.6.1. Atribulado

O termo “atribulado” é proveniente da palavra tribulação/atribulação. Geralmente, esse adjetivo é encontrado nos textos bíblicos como sinônimo de atormentado, vide 2ª Carta aos Coríntios 4:8, 2ª Carta aos Tessalonicenses 1:7 e 2ª Carta aos Coríntios 7:5, por exemplo. No entanto, como a língua possibilita expansão dos sentidos, esse termo tem sido utilizado entre os evangélicos como sinônimo de pessoa problemática ou que traz muitos problemas. Vejamos um possível uso desse termo:

Exemplo 20: “vou orar por você sim, pode deixar, ver se Deus quebranta esse seu coração de pedra mandando uma baleia para te engolir, ninguém aguenta mais, **atribulado**” (grifo nosso).

Usado como vocativo, o termo “atribulado” aparenta ser mais ofensivo. No exemplo acima, pode-se perceber a contrariedade da pessoa que escreveu a postagem, ao indicar que o referido homem fez um pedido de oração e que oraria

por ele; ao mesmo tempo, informa e para que mandasse uma baleia para o engolir, assim como a história de Jonas, também presente na Bíblia.

3.5.6.2

Jumenta de Balaão

A história da jumenta de Balaão retrata a perspicácia de um animal considerado inferior intelectualmente se comparado aos outros. Resumidamente, Balaão teria o dever de amaldiçoar o povo de Israel e, como Deus sabia dessa intenção, foi ao encontro de Balaão três vezes, sendo que em todas elas, a jumenta conseguia ver Deus e tentava desviar, a fim de proteger Balaão de Sua ira. Ele, no entanto, só agredia a jumenta, porque não entendia o que estava acontecendo. Na terceira e última vez, deu-se o seguinte diálogo entre a jumenta e Balaão, no livro de Números 22:30: “[p]orventura não sou a tua jumenta, em que cavalgaste desde o tempo em que me tornei tua até hoje? Acaso tem sido o meu costume fazer assim contigo? E ele respondeu: Não!”.

Vejamos um dos possíveis usos dessa expressão:

Exemplo 21: “é cada **jumenta de balaão** q me aparece” (grifo nosso).

No exemplo acima, não é possível recuperar o destinatário da ofensa, o que não esclarece tanto seu uso. Ainda assim, essa expressão pode, a princípio, fazer referência a uma pessoa com um nível intelectual reduzido, o que é bastante produtivo para o âmbito das ofensas, já que chamar alguém de “burro” possibilita uma sensação de superioridade de quem realiza tal ofensa. Ressaltamos que, nesse contexto, a expressão soa como sinônimo de alguém que incomoda, assim como em alguns exemplos anteriormente mencionados.

Em ambos os casos, a tentativa de ofender as pessoas ressaltando uma característica ligada à cognição mostra-se bastante eficaz em seu objetivo de ofender e menosprezar alguém, o que corrobora a inclusão dessa categoria como um tipo de ofensa através de expressões bíblicas.

3.6.

O lugar das ofensas bíblicas no ensino de PL2E

Os dados apresentados nesta seção mostram-se reveladores ao indicarem o potencial discursivo das ofensas no tocante à expressividade oral e escrita dos evangélicos, em especial a modalidade típica das mídias sociais que se configura como intermídia entre a oralidade e a escrita. As expressões, em suma, caracterizam um modo muito particular de comunicação e, conseqüentemente, ocorre um espraiamento de tais estruturas para outros contextos sociolinguísticos, tendo em vista que os evangélicos estão presentes em todos os níveis sociais, culturais e econômicos, além da sua atual presença em massa no âmbito político.

A política é um dos contextos mais presentes associados aos xingamentos e ofensas nos dados coletados. Além disso, é importante destacar o poder que têm as redes sociais, principalmente o *Twitter*, em que há possibilidade de responder publicamente a postagens de quaisquer pessoas. A voz que os indivíduos ganharam através dos recursos digitais ampliou o alcance de suas mensagens positivas, mas também de mensagens de ódio e de ataques à reputação de outras pessoas, sejam evangélicas ou não.

As ofensas baseadas no texto bíblico são produtivas, pois são formas equivalentes às ofensas utilizadas pela população brasileira, em geral, muitas vezes através de palavras chulas como os palavrões. O uso dessas expressões filtradas pela Bíblia revela que as ofensas são uma marca linguístico-cultural notável em português, pois, na impossibilidade de usar as expressões populares, os evangélicos, a princípio, apropriaram-se de termos presentes no texto sagrado e os subverteram a fim de conseguirem ofensas equivalentes sem o comprometimento de sua imagem, que pretendem ilibada e irretocável perante a sociedade.

Em sua tese, a imagem que esse grupo pretende passar não pode ser arruinada com palavras torpes e inadequadas aos cristãos, já que o texto bíblico é bastante claro em passagens que mencionam a postura adequada dos seguidores de Cristo, como o seguinte versículo: “Agora, porém, deixai de lado todas estas coisas: ira, animosidade, maledicência, maldade, **palavras torpes da vossa boca**” (COLOSSENSES 3:8, grifo nosso).

A conduta dos evangélicos, a priori, deve seguir os ensinamentos expressos na Bíblia, o que pode fomentar possíveis tentativas de quebrar regras, como a de

não usar palavras ofensivas. Nesse sentido, há o empréstimo de expressões, termos e nomes bíblicos que substituem tais palavras de baixo calão. Desse modo, o potencial ofensivo pode ser mantido, sem que haja a culpabilização por esse uso nas interações verbais.

Em relação aos dados, constata-se a maior recorrência de ofensas ligadas à moralidade (55%), o que é um forte indicativo de que ofender a imagem moralista dos evangélicos é uma forma bastante eficaz de se concretizar um ataque verbal. Um exemplo desse uso é o termo “fariseu”, usado para atingir a reputação de um pastor conhecido nacionalmente. Nos demais tipos de ofensas, a distribuição percentual ficou aproximada nas categorias Sexual (21,9%), Social (19,5%) e Comportamental (19,5%). As que tiveram menos ocorrências estão ligadas a ofensa de cunho Físico-Corporal (9,7%) e Mental (4,8%). As porcentagens semelhantes nas categorias Sexual, Social e Comportamental podem indicar como esses aspectos são vistos e constantemente policiados dentro e fora da comunidade religiosa. As de menor porcentagem, Física e Mental, podem indicar uma possível aceitação ao que foi dado por Deus. É o caso de uma pessoa que nasce com/adquire deficiência em um membro do corpo ou no âmbito intelectual.

De forma reiterada, pastores são alvos de várias ofensas, principalmente porque no imaginário coletivo evangélico, esses indivíduos, de modo geral, são incorruptíveis e não erram; no entanto, quando isso ocorre, muitos ataques verbais são direcionados a essas pessoas. Pode-se supor, porém, que nem sempre tais ofensas seriam proferidas por evangélicos, já que, como indicamos, há uma disseminação desses termos entre outros grupos sociais, dada a forte presença social dos evangélicos acima mencionada.

A cultura evangélica é um fenômeno mais recente na sociedade brasileira, de menos de meio século, capitaneado pelo movimento neopentecostal, e que está vinculado a alguns conflitos em relação à política, a leis e aos direitos e liberdades individuais.

Dentro da perspectiva de ensino de línguas, o fator cultural é fundamental para que se consiga revelar aspectos subjetivos que, de forma geral, não são percebidos, ainda que causem desconforto na interação verbal entre falantes. Aprendizes de PL2E, como os missionários em missão no Brasil, podem se ver em situações incômodas em função do desconhecimento das palavras e ofensas

baseadas no texto bíblico, mesmo que as dominem, já que seu uso é subvertido para fins de ofensa, e não de doutrinação, por exemplo.

A visibilidade e o fortalecimento desse grupo na sociedade brasileira, suas formas peculiares de comportamento, dentre as quais se incluem as ofensas aqui estudadas, podem ser um indicativo de que é necessário, no ensino do PL2E, desenvolver uma abordagem pedagógica específica para os missionários estrangeiros que aqui pretendem evangelizar.

A introdução desta temática nas aulas de PL2E surge a partir não só da constante chegada e permanência desses missionários, mas também do amplo uso das estruturas apresentadas neste trabalho por parte dos falantes de português brasileiro, o que reflete a forte presença e influência desses grupos em diversas áreas da sociedade.

As estruturas gramaticais presentes nos dados podem se confundir com estruturas semelhantes, porém não ofensivas, como a expressão filho de + nome próprio, sem fazer referência a personagens bíblicos (por exemplo, “o filho do Alexandre”). Quando há esse tipo de ocorrência, não se tenta ofender alguém, apenas se faz referência. Uma outra estrutura bastante semelhante a essa e que pode causar mal-entendido é a estrutura filho de + nome bíblico com características específicas ou adjetivo pejorativo (por exemplo, “filho de Caim”). Nesse caso, ressalta-se a importância de o aprendiz de PL2E saber reconhecer a ofensa.

Além disso, percebe-se que há, nas ocorrências destacadas neste trabalho, intenção explícita e bem diretiva de ofender e ferir a honra de outrem. Isso demonstra que, apesar de apresentarem um discurso amoroso e compassivo, quem utiliza tais recursos linguísticos não segue os ensinamentos bíblicos em sua totalidade, o que reforça e fomenta ataques externos às denominações evangélicas e a seus membros, categorizando-os como pessoas que não praticam o que pregam, assim como um dos exemplos mencionados na análise de dados (fariseus).

3.6.1.

Sugestão de atividades

Com base nos dados colhidos nesta pesquisa e a partir da certeza de que é preciso tornar essas expressões e palavras de ofensa mais familiares a aprendizes de PL2E, elencamos três sugestões de atividade para exemplificar as possibilidades

geradas a partir deste trabalho e que podem ser desenvolvidas durante as aulas de PL2E, tendo como foco a competência intercultural dos alunos estrangeiros em contexto de missões no Brasil. Ressaltamos que, em se tratando de sugestões, cada professor pode fazer as adaptações necessárias a cada contexto, tendo em vista que os grupos em missão no Brasil são diversificados, o que inclui nacionalidades diferentes.

3.6.1.1.

Atividade 1

Uma primeira sugestão de atividade em relação ao tema consiste em listar várias expressões de ofensa e solicitar que os aprendizes de PL2E as caracterizem como sexual, moral, física, mental ou comportamental. Através dessas associações, pretende-se fornecer um arcabouço linguístico-pragmático aos alunos no que tange aos diferentes valores das expressões de ofensa.

Ofensas bíblicas	Natureza
Corá	Comportamental
Eunuco	Sexual
Atribulado (a)	Mental
Espírito de Caim	Social
Falso profeta	Moral
...	...

Quadro 1 - Exemplo da relação entre as ofensas bíblicas e sua natureza (Elaborado pelo Autor)

3.6.1.2.

Atividade 2

Uma outra possibilidade de atividade possibilita aos alunos a associação entre as ofensas e seus respectivos significados, a fim de promover autonomia, inferências e deduções de aprendizes de PL2E, além de capacitá-los no

reconhecimento dessas expressões como ofensivas. Propõe-se a apresentação de duas colunas, uma com as expressões de ofensa e a outra, com os significados em ordem aleatória. Os alunos devem, então, ligar a palavra de ofensa à palavra/expressão correspondente. Após a realização da tarefa, o professor pode fazer uma análise de cada palavra e explicar seu sentido. Uma variação dessa atividade seria utilizar enunciados como os analisados neste trabalho e solicitar que, a partir dos exemplos, os alunos infiram o sentido em que tais termos foram utilizados.

(1) Filho de Caim	() Cego
(2) Fariseu	() Assassino
(3) Bartimeu	() Hipócrita
...	...

Quadro 2 – Exemplo de relação entre as palavras de ofensa (Elaborado pelo autor)

3.6.1.3. Atividade 3

No ano de 2020, realizaram-se as eleições municipais em todo o Brasil. No município do Rio de Janeiro, concorriam à prefeitura diversos candidatos como o então prefeito e pastor Marcelo Crivella, que possui fortes ligações com a Igreja Universal do Reino de Deus, presidida pelo Bispo Macedo e que é uma das igrejas de maior destaque no cenário evangélico brasileiro, e o ex-prefeito Eduardo Paes, que tinha sido gestor da cidade entre os anos de 2009 e 2017. Nas propagandas veiculadas em diversas mídias, ataques à honra e à reputação dos candidatos eram feitos constantemente.

Esta sugestão de atividade baseia-se em uma propaganda eleitoral de Eduardo Paes, na qual o tema central era difamar e atacar a honra de seu adversário político Marcelo Crivella, associando-o a elementos que se opõem aos preceitos cristãos como Diabo, mentira (*fakenews*) e inferno, por exemplo.

Logo, a atividade consiste em apresentar a propaganda aos alunos, descrever as figuras de Marcelo Crivella e Eduardo Paes, a fim de contextualizar a proposta e fornecer mais elementos para que os alunos consigam desenvolver a atividade

plenamente. Após a apresentação e descrição dos candidatos, o professor pode levantar uma série de questionamentos a respeito da percepção visual e auditiva dos aprendizes de PL2E, principalmente em relação a elementos como as chamadas ao fundo, o nome “A Fantástica Fábrica de Fake News” e, fundamentalmente, a expressão “pai da mentira”, que associa Crivella à figura do Diabo. Em João 8:44, essa associação fica explícita através do seguinte versículo: “[...] Ele foi homicida desde o princípio, e não se firmou na verdade, porque não há verdade nele. Quando ele profere mentira, fala do que lhe é próprio, porque é mentiroso, e *pai da mentira*” (grifo nosso).



Figura 1 - Propaganda eleitoral de Eduardo Paes “Crivella e A Fantástica Fábrica de Fake News”

A partir das sugestões e propostas de atividades apresentadas neste trabalho, os professores de PL2E podem se inspirar e criar outras, pois as ofensas, independentemente de suas variações, são um fenômeno linguístico-cultural que não deve ser omitido durante as aulas de língua e cultura brasileiras.

4 Conclusão

Este trabalho trata das ofensas cuja fonte encontra-se no texto bíblico, compreendendo o Velho e o Novo Testamentos. A partir da coleta de dados, percebe-se que, em vários casos, a adaptação das palavras e expressões relaciona-se diretamente com o sentido empregado na Bíblia. Entretanto, quando utilizadas fora do contexto convencional religioso, passam a assumir uma conotação negativa e de alto potencial ofensivo, ao atingir a honra e a imagem pessoal nos diferentes ambientes em que são empregadas.

A temática foi escolhida por fazer parte do conjunto de traços linguístico-comportamentais de membros comunidades evangélicas brasileiras, o que reforça a importância de se investigar e descrever esse fenômeno linguístico, como fizemos aqui, e possibilitar sua apresentação aos aprendizes de PL2E, não só para aqueles que vêm em missões religiosas, mas também para os demais grupos de aprendizes que, possivelmente, terão contato com as referidas expressões e palavras utilizadas como ofensa.

Tais expressões podem não ser de fácil identificação e, conseqüentemente, precisam ser melhor esclarecidas. Nesse cenário, este trabalho promove um detalhamento desses termos a fim de ampliar o seu entendimento nos níveis linguístico, interacional e pragmático.

Para o desenvolvimento deste trabalho, partimos do objetivo geral, que é apresentar expressões de ofensa utilizadas por grupos evangélicos em interações autênticas, a fim de contribuir com o ensino e aprendizagem de PL2E. Além disso, estabelecemos outros cinco objetivos específicos: listar os termos ofensivos, de base bíblica, encontrados em tuítes, a partir de um conjunto prévio de hipóteses; caracterizar contextos de uso em que essas palavras e expressões são usadas, a fim de descrever melhor seus usos; estabelecer escala de ofensividade na qual seja possível agrupar as palavras e expressões de ofensa nos níveis leve, moderado e grave; analisar categorias que podem interferir no grau de ofensividade; aplicar ao ensino de PL2E o conhecimento gerado a partir dos usos de palavras ofensivas no meio evangélico.

Afirmamos que todos os objetivos estabelecidos foram alcançados. As ocorrências revelam o uso efetivo das expressões apontadas neste trabalho como parte da rotina linguístico-interacional dos falantes, com maior presença dentre os evangélicos, porém utilizadas também por quem não segue essa vertente religiosa. Isto demonstra o espraio dessas expressões no âmbito da fala e da escrita, especialmente nas redes sociais como *Twitter*, *Facebook*, *Instagram*, *Youtube*, entre outras.

Conforme a pesquisa realizada, são apontadas e enumeradas 42 expressões e/ou palavras de origem bíblica utilizadas como ofensas em interações, situadas em tuítes autênticos, preservando-se a identidade dos enunciadores; dentre estas, 21 são detalhadamente analisadas.

A análise de cada expressão em contexto de uso é desenvolvida a partir das diferentes categorias apresentadas na tabela (Apêndice A). Nesse sentido, essas análises compreendem os aspectos mais importantes tratados neste trabalho, quais sejam, significado, referências bíblicas, usos, grau de ofensa e categoria.

Através dos exemplos apresentados, é possível perceber que algumas expressões e palavras são direcionadas a determinadas pessoas, como religiosos, pastores e membros com cargos eclesiásticos, não sendo possível aplicar a mesma ofensa a outros tipos de pessoas. Isso permite inferir que nem todos os termos podem ser usados indiscriminadamente, como os exemplos 1 e 8 (cf. itens 3.1.1 e 3.4.2), em que as ofensas fazem referências a pessoas exclusivamente religiosas. Desse modo, buscamos descrever tais usos a partir de seus significados para que seja possível compreender o sentido de tais ofensas.

Por outro lado, a maior parte das expressões apresentadas neste trabalho pode ser direcionada a quaisquer pessoas, o que possibilita equivalências no que se refere a ofensas não bíblicas em português. De todo modo, o uso dessas expressões revela um aspecto importante para as relações em comunidade: o pertencimento. Nesse sentido, o léxico de ofensas usado pelos evangélicos possibilita a identificação de seus pares num dado contexto interacional, reforçando o caráter comunitário desse segmento. Outro ponto importante é a possível influência no vocabulário dos falantes não pertencentes à comunidade evangélica, como já abordamos na introdução deste trabalho.

Vimos que as expressões de cunho moral são as de maior número. Esse dado é relevante para compreendermos o aspecto que parece ser mais vulnerável dos

evangélicos: a conduta moral. O fato de haver mais possibilidades de ofensas à moral dos evangélicos revela a importância de se mostrar uma reputação e imagem ilibadas perante a sociedade, em geral.

Algumas ofensas elencadas são, a princípio, nomes presentes na Bíblia. Entretanto, vale ressaltar que as histórias por trás dos nomes usados como ofensas possibilitam esses usos. É o caso do termo Bartimeu, utilizado na Bíblia para fazer referência a pessoas cegas e/ou pedintes, mas que pode ser utilizado ofensivamente para apontar o fato de que uma pessoa não consegue perceber a realidade dos fatos.

O primeiro elemento utilizado para a análise, a saber, Significado, possibilita o detalhamento de um determinado vocábulo utilizado como ofensa, ao descrever seus possíveis sentidos de interpretação, como abordado no exemplo acima. É por meio desses sentidos que evangélicos subvertem tais expressões e palavras a fim de utilizá-las como ofensas, conforme demonstramos ao longo deste trabalho.

O elemento Referências Bíblicas fornece um embasamento referencial para a elaboração de ofensas por meio de termos bíblicos. Nesse sentido, percebe-se que as ocorrências encontradas estão dispostas em ambos os testamentos, não se tratando, portanto, de palavras e/ou expressões isoladas ou tiradas de contextos específicos. É necessário destacar que, conforme a análise realizada nesta dissertação, nomes são de forte relevância e produtividade semântica, já que possibilitam a formação de ofensas ao associar comportamentos e atitudes desaprovados pela moral cristã.

O critério Usos demonstra que nem todas as ofensas podem ser direcionadas a quaisquer pessoas. Há ofensas que podem ser usadas de modo irrestrito, mas há outras que só são produtivas linguisticamente ao serem direcionadas a certos grupos de pessoas, como pastores e membros com cargos eclesiásticos, por exemplo.

O critério Graus de Ofensa revela que, dentro do escopo de palavras e expressões de ofensa de origem bíblica, pode haver distinções no que tange à escala de ofensividade, também abordada neste trabalho. Ao elencarmos três níveis de ofensividade, a saber: leve, moderado e grave, percebe-se que há diferenciação a depender do alvo da ofensa. Quanto mais vinculado ao âmbito evangélico, maior o nível de ofensividade, tendo em vista a relevância de se manter uma postura ética e moralista perante a sociedade.

Por fim, o critério Categoria revela a gama de ofensas possíveis através do léxico bíblico. A divisão nas categorias física, sexual, social, moral,

comportamental e mental possibilita uma ampla diversificação no que tange ao ato de ofender alguém. É fundamental destacar, entretanto, que o recorte desses critérios foi realizado com base em Carretero (2011) e na percepção do autor deste trabalho, ao acrescentar os critérios física, mental e comportamental, já que o texto de Carretero (2011) não aponta esses níveis de ofensa. É imprescindível, portanto, trabalhar com esses aspectos dentro do âmbito religioso evangélico.

Esta pesquisa revela, ainda, que os estudos acerca do léxico de ofensas de origem bíblica são de fundamental relevância para a área de PL2E, tendo em vista a crescente influência dos evangélicos nos diversos contextos sociais brasileiros, o que torna imprescindível o conhecimento das formas de comunicar e de interagir dos membros desses grupos. Além disso, este trabalho revela a criatividade linguística dos falantes, principalmente no que tange à substituição de ofensas proibidas por vocábulos presentes no texto bíblico, evidenciando uma espécie de licença de uso.

Apesar de estar frequentemente presente nas interações verbais orais e escritas dos evangélicos, não foram encontrados muitos materiais a respeito do léxico de ofensa usado por esses grupos.

Sugerimos, então, a partir desta pesquisa e de suas respectivas limitações, o desenvolvimento de novas pesquisas que enfoquem outras estruturas linguísticas presentes no texto bíblico, porém usadas como elogios, já que alguns personagens importantes apresentam histórias de superação e são vistos como portadores de características positivas no âmbito cristão, tais como bravura, fidelidade, honra, força, entre outras. Assim como as ofensas, os elogios também estão presentes no léxico evangélico a partir de nomes bíblicos, por exemplo. Outras pesquisas podem investigar, mais profundamente, a frequência das ofensas por gênero e/ou idade, tendo em vista que não há, até o momento, pesquisas que se debrucem integralmente sobre este assunto.

Este trabalho, para além dos objetivos propostos, apresenta-se como original fonte de consulta aos demais pesquisadores que se interessarem pelo assunto. O foco deste trabalho é direcionado aos estudos de PL2E, mas não se restringe a essa área, tendo em vista as diferentes perspectivas de outras áreas do conhecimento que se interessam por esse grupo, como Filosofia, Ciências Sociais, Direito, entre outras.

Particularmente para os estudos religiosos, os dados obtidos revelam comportamentos que, dentro da doutrina evangélica, em tese, deveriam ser corrigidos, tendo em vista que o uso de vocábulos de ofensa deve ser evitado, pois não condiz com a conduta preestabelecida para tais correligionários. Nesse sentido, esta dissertação demonstra que é possível utilizar o texto bíblico como fonte para a criação de palavras de ofensa, ainda que esse uso belicoso não seja defendido dentro dos templos religiosos evangélicos.

Esses dados podem e devem ser analisados e discutidos mais profundamente pelas comunidades acadêmicas e religiosas ligadas a esse grupo religioso, pois eles revelam, para além das estruturas linguísticas apontadas neste texto, marcas de interação, de poder entre falantes e níveis distintos de ofensividade, o que corrobora a tese de que as palavras de ofensa estão presentes tanto no léxico comum não religioso quanto no religioso, sendo que neste ainda há um tabu quanto ao uso consciente e proposital dessas expressões com o intuito claro de ofender. Uma possível interpretação deste fato pode estar ligada ao não reconhecimento do uso dessas formas de ofensa por evangélicos, tendo em vista a tentativa de preservação de sua imagem perante a sociedade.

Cabe ressaltar o caráter vasto das formas de ofensas oriundas do contexto bíblico como fonte de criatividade e elaboração de diferentes atividades para aprendizes de PL2E, principalmente aqueles ligados a entidades religiosas em missões no Brasil.

Acreditamos que os dados aqui levantados e as conclusões a que chegamos representam grande contribuição tanto para os estudos de comportamento das comunidades evangélicas quanto para o ensino do português para falantes de outras línguas, já que englobam aspectos intrínsecos à língua e à interação comunicacional, ao apresentar formas distintas de provocar, ofender e atacar a honra e a moral das pessoas.

Referências bibliográficas

BARBOSA, L. M. de A. O conceito de lexicultura e suas implicações para o ensino-aprendizagem de português língua estrangeira. **Filol. linguíst. port.**, São Paulo, n. 10-11, p. 31-41, 2009.

BIDERMAN, M. T. C. Léxico e vocabulário fundamental. **Alfa**, São Paulo, v. 40, p. 27-46, 1996.

BROWN, P.; LEVINSON, S. **Politeness**: some universals in language usage. Cambridge: Cambridge University Press, 1987.

CARRETERO, C. S. Insultos y expresiones malsonantes em la clase de ELE. **Redele**, Madrid, n. 23, p. 1-36, 2011.

CULPEPER, J. Towards and anatomy of impoliteness. **Journal of Pragmatics**, v. 25, n. 3, p. 349-367, 1996.

CULPEPER, J. Conventionalised impoliteness formulae. **Journal of Pragmatics**, v. 42, n. 12, p. 3232-3245, 2010.

DAMATTA, R. **A Casa & a Rua**. Cidade: Editora, 1997.

DANTAS, B. S. do A. Sexualidade, cristianismo e poder. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, Rio de Janeiro, v. 10, n. 3, p. 700-728, maio/ago. 2010.

DÍAZ, C. G. Une exploration du concept lexiculture au sein de la Didactique des Langues-Cultures. **Didáctica – Lengua y Literatura**, v. 15, p. 105-119, 2003.

GOFFMAN, E. **Interaction ritual**: essays on face to face behavior. New York: Pantheon Books, 1967.

GOFFMAN, E. The interaction order. **American Sociological Review**, v. 48, n. 1, p. 1-17, fev. 1983.

HALL, E. T. **Beyond Culture**. USA: Anchor Books, 1976.

HOFSTEDE, G. **Culture's consequences**: comparing values, behaviors, institutions, and organizations across nations. 2. ed. Thousand Oaks, Londres, Nova Dehli: Sage Publications Ltd., 2001.

HOFSTEDE, G. National Culture. **Hofstede Insights**, 2020. Disponível em: <[https://hi.hofstede-insights.com/national-culture#:~:text=POWER%20DISTANCE%20INDEX%20\(PDI\),that%20power%20is%20distributed%20unequally](https://hi.hofstede-insights.com/national-culture#:~:text=POWER%20DISTANCE%20INDEX%20(PDI),that%20power%20is%20distributed%20unequally)>. Acesso em: 04 mar. 2021.

KASCHEL, W.; ZIMMER, R. **Dicionário da Bíblia Almeida**. 2. ed. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 1999.

LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A. **Pesquisa em educação**: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.

PUC-RIO. **Pós-Graduação PUC-RIO**: normas para apresentação de teses e dissertações. Rio de Janeiro: PUC-Rio, [2001] 2020. Disponível em: <<http://www.puc-rio.br/ensinopesq/ccpg/download/normas%20teses%20revisado%202020.pdf>>. Acesso em: 04 mar. 2021.

SOCIEDADE BÍBLICA DO BRASIL. **Bíblia Almeida Revista e Atualizada (RA)**. Barueri: Sbb, 1993. Tradução: João Ferreira de Almeida. Disponível em: <https://www.bibliaonline.com.br/ara>. Acesso em: 18 out. 2020.

SOCIEDADE BÍBLICA BRITÂNICA e ESTRANGEIRA. **Bíblia Sociedade Bíblica Britânica (TB)**. 2020. Disponível em: <https://www.bibliaonline.com.br/tb>. Acesso em: 29 out. 2020.

VIANA, A. Z. T. **Quem cala consente? O silêncio em interações na cultura brasileira** - uma breve análise. 2020. 74 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Departamento de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2020.

WAITZ, L. F. **Um estudo sobre a educação neoliberal na Igreja Universal do Reino de Deus**. 2019. 149 f. Dissertação (Mestrado em Direito) – Departamento de Direito, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019.

WIERZBICKA, A. **Cross-cultural Pragmatics**: the semantics of human interaction. 0. ed. Cidade: Editora, 2003.

Apêndice - Tabela com a relação das ofensas e suas categorias

OFENSAS	3.1	3.2	3.3	3.4			3.5					
	REFERÊNCIA BÍBLICA	USOS	SIGNIFICADO	GRAU DE OFENSA			CATEGORIA					
				L E V E	M O D E R A D O	G R A V E	F Í S I C A	S E X U A L	S O C I A L	M O R A L	C O M P O R T A M E N T A L	M E N T A L
Apóstata	Jeremias 8:5 / 1 Timóteo 4:1 / 2 Timóteo 2:12	Cristão	Aquele nega e/ou abandona a fé cristã (infiel)			x				x		
Árvore que não dá fruto	Judas 1:11	Cristão/Pagão	Pessoa que não gera filhos biológicos (estéril)/pessoa que não gera frutos do espírito (bondade, fidelidade...)		x			x		x		
Atribulado (a)	1 Samuel 1.15	Cristão/Pagão	Pessoa cheia de problemas	x								x
Bando de babilônicos	Apocalipse 18:1	Pagãos	Pecadores, praticantes da maldade		x					x		
Bartimeu/Cego de Jericó	Marcos 10:45	Cristão/Pagão	Cego+/pedinte-	x			x					
Corá	Números 16:7-10	Cristão/Pagão	Rebelde/desobediente	x					x		x	
Cria de Nabucodonosor	1 Reis 25:1-22	Cristão/Pagão	Pessoa violenta/destruidora		x	x				x		
Desviado	Provérbios 21:15	Cristão	Evangélico não praticante	x						x		
*do mundo/ímpio	João 15:18	Cristão/pagão	Pessoa que nunca pertenceu à igreja								X	
*no mundo	João 15.19	Cristão/Pagão	Pessoa que está fora da igreja	x						x		
Escarnecedor	Provérbios 13:1/ 15:11	Cristão/Pagão	Pessoa zombeteira/	x					x			

Espírito de ...	S/REF.	Cristão/Pagão	É preciso adicionar um adjetivo/substantivo que remeta a algo negativo no contexto evangélico (entidades de religiões de matriz africana/Jezabel)	x				x	x	x		
Eunuco	Mateus 19:11	Cristão/Pagão	Homem castrado que tinha a função de guardar as mulheres do harém/ indivíduo impotente, física e/ou espiritualmente			x	x	x				
Falso profeta	Mateus 24:11/ Marcos 13:21	Cristão/Cristão	pessoa que ilegitimamente se proclama detentora de dons do Espírito Santo e que usa desse artifício para benefício próprio		x	x				x		
Fariseu	Mateus 22	Cristão	Pessoa hipócrita. Fala, mas não vive o que prega.		x	x				x		
Filho de Agar	Gênesis 16:15/ Gênesis 21:8	Cristão/Pagão	Filho fora do casamento/ Bastardo			x		x				
Filho de [Belial	1 Samuel 16:7	Cristão/Pagão	Filho do demônio			x				x		
Filho/espírito [de Caim'	Gênesis 4:7	Cristão/Pagão	Assassino			x			x		X	
Filho de [meretriz/Raabe	1 Coríntios 6:16 / Naum 3:4	Cristão/Pagão	Filho de (prostituta)			x		x				
Filhote de [Barrabás	João 18:40/ Mat. 27.15	Cristão/Pagão	Assaltante/Criminoso			x			x			
Filho pródigo	Lucas15:11-31	Cristão/Pagão	Pessoa que gasta demais e se arrepende depois	x							x	
Gadareno	Lucas 8:36	Cristão/Pagão	Endemoniado		x					x		
Nicodemos	João 2	Cristão/Pagão	Pessoa que domina a teoria, mas não tem a prática		x						x	
Herege	Gálatas 5:20/ 1 Coríntios 11:19 / 2 Pedro 2:1	Cristão	Pessoa que comete/professa doutrina contrária ao que foi estabelecido pela Igreja como dogma		x					x		
Incircunciso	Gênesis 17:14/ Romanos 2:28	Cristão/Pagão	Meninos ou homens de quem não se tirou a pele que envolve a extremidade do pênis ou pessoas não consagradas			x		x		x		
Jezabel	1 Reis 19:2/ 2 Reis 9:22	Cristão/Pagão	Idólatra, assassina, feiticeira, egoísta, manipuladora, sexualmente imoral			x		x	x	x		

Judas	Marcos 3:18	Cristão/Pagão	Traidor		x	x				x		
Jumenta de Balaão	Números 22:26	Cristão/Pagão	Pessoa dotada de pouca inteligência		x							x
Leproso/ Naamã	Mateus 26:6/ Números 12:10/ Levítico 13:43	Cristão/Pagão	Pessoa com alguma doença contagiosa			x	x					
Mão mirrada	Marcos 3:3 / Mateus 12:9	Cristão/Pagão	Pessoa com alguma deficiência na mão			x	x					
Mercador da fé	João 2:13-21	Cristão	Vendilhão / Geralmente direcionado a pastores que vendem indulgências/ cobram dízimos e ofertas de modo exacerbado/ exploram a fé alheia para angariar recursos financeiros para si			x				x	x	
Pedra de tropeço	Isaías 8:14/ 1 Pedro 2:7	Cristão/Pagão	Pedra de tropeço é a atitude ou comportamento de alguém que conduz outrem a pecar.		x						x	
Penina	1 Samuel 1:2	Cristão/Pagão	Pessoa que provoca/ quer competir com os outros sempre / arruma confusão com outras pessoas / invejosa			x					x	
Pilatos	Marcos 15:14	Cristão/Pagão	Ausência/ fuga de responsabilidade			x				x	x	
Praga do Egito	Êxodo 12:13/ Êxodo 11:1	Cristão/Pagão	Pessoa indesejada/irritante/ que incomoda	<u>x</u>		x						x
Prevaricador	Provérbios 13:14	Cristão/Pagão	Pessoa que age de má-fé, não cumpridora das ordens e da legalidade			x					x	
Raça de víboras	Mateus 23:33/ Mateus 3:7/ Mateus 12:33	Cristão/Pagão	Pessoas más, cruéis, ruins		x	x				x	x	
Sepulcro caiado	Mateus 23:26	Cristão/Pagão	Pessoa bela por fora, mas feia por dentro								x	
Sodomita	1 Timóteo 1:10/ Deuteronômio 23:17/ 1 Reis 14:24	Cristão/Pagão	Pessoa que se relaciona com outra pessoa do mesmo sexo			x		x				
Testador de 70x7	Mat. 18:21	Cristão/Pagão	Pessoa irritante/ que testa a paciência dos outros	<u>x</u>								x
Tomé	João 20:24	Cristão/Pagão	Pessoa incrédula/ sem fé/ só acredita, vendo	<u>x</u>								x
Vai tomar no [tanque de Betesda]	S/REF.	Cristão/Pagão	Expressão equivalente à "vai tomar no c**"	<u>x</u>				x				

Fonte: Elaborada pelo autor.

Anexo – Prints dos tweets

Por essas e outras q sua igreja atrofia e vc será modelo para milhões perderem a fé por ver em vc um pessimo modelo jogando pessoas contra pessoas e tudo pelo poder. **Apostata** da fé.

ARREBENTOU NESSA DEFINIÇÃO ONDE O COMUNISMO DEU CERTO
KKKK

Em resposta a

Filho das trevas, seu gadareno, fogo de Belial

Penina não se meta pq **não** fiz filho cntg amada 😏

Mamães não deixem de buscar o direito de seus filhos por causa de nenhuma PENINA. Filho é do PAI e da Mãe.



EU AINDA VOU TE EXPOR SEU SODOMITA

11:36 AM · 5 de out de 2020 · Twitter for Android

2 Curtidas

é cada jumenta de balaão q me aparece



Queima no inferno, satanista!

Fariseu! Orferta de Caim! Morador de Sodoma!

Leproso que não voltou pra agradecer! Jumenta de balaa. Cego de jericó!



12



2



40



Nem tem comparação. Por isso o filme não foi tao bem em bilheteria. Poderia ter faturado uns 600 milhões pelo menos. Mas né, dona Warner mão mirrada.



10



Fariseu, isso é cara de quem está pregando o Evangelho de Jesus, que traz paz e serenidade para as pessoas ?

Isso é cara de quem está defendendo guerra, discórdia, dor, ódio e muita, mas muita tristeza.

E voce não tem como mudar isso, pois é a SUA cara.



4



Eu vejo o senhor como uma pedra de tropeço no caminho do desenvolvimento de um país cristão, Brasil não merece o senhor #DigaNaoAoAborto #ForaBarroso

Em resposta a @

Tu és apenas um filho de satanás, seguido por um bando de idiotas úteis, nao serve pra nada, uma árvore infrutífera que logo vai muchar.

1:25 PM · 4 de abr de 2020 · Twitter for Android

Pilanta Safado **mercador da fé**,troca esse disco seu filho do cão.
Pastor de merda raivoso, tá sempre com ódio,que deus é esse que tu seque,o Mamon???
Seu lixo que só sabe fazer vergonha, Safado enganador de trouxas.

Mesmo com Jorge Jesus ter se tornado **Judas** e nos traído eu to ILUDIDO com a possível volta dele para o Flamengo, SIM.



Saiane Santana @saianesantana 27 de set de 2020

Então em um culto quase que feito especialmente para mim na congregação onde cresci, voltei para Jesus, festa no céu, **um** pecador se arrependeu, o filho pródigo retornou aí lar, foi uma festa, virei o troféu ex gay daquelas igreja, todos queriam me conhecer +

Velho eu realmente me surpreendo no fato **de** que a gente demora dias, semanas pra conseguir alinhar os pensamentos e organizar os sentimentos daí vem um **filho de Caím** e bagunça tudo **de** uma vez só em questão **de** segundos!!!!



Ontem tive o desprazer de estar na mesma roda de **escarnecedores onde havia um grande escarnecedor** bebo jogando bolo de dinheiro na mesa. P **onde** se olhava era gente com vergonha alheia. Minha vontade era fazer uma placa " n somos amgs só temos amgs (q vou reavaliar) em comum "



Eu vi **e é** exatamente por isso **que** eu PUTA
Pessoas assim tem **que** se foder muito na vida, vai pra puta **que** pariu sua praga do Egito do caralho
É a quinta/sexta vez que o cara faz isso **e** tem pessoas **que** anda ficam "ah mas **é** porque a Ásia pipipi popopo"



1



1



Filho de barrabas cale- se



Este perfil odeia com todas as forças o treinador desgraçado filho de uma meretriz que atualmente comanda a equipe do tomara que caia com o cu em um poste de luz.

5:18 PM - 30 de set de 2020 - Twitter for Android



vou orar por você sim, pode deixar,
ver se Deus quebranta esse seu coração de pedra mandando uma baleia
para te engolir, ninguém aguenta mais, **atribulado**

Uma apóstata! **Herege!!!!** Deus não terá-la como inocente!

é cada **jumenta de balaão** q me aparece

Eu vejo o senhor como uma **pedra de tropeço** no caminho do
desenvolvimento de um país cristão, Brasil não merece o senhor
#DigaNaoAoAborto **#5**